

}2.2.

Sílvia Cardoso: uma “mística da Ação” na Obra do Amor do Amor em Obra

ALEXANDRE FREIRE DUARTE*

Resumo: Os escritos pessoais de Sílvia Cardoso, católica leiga portuguesa do séc. XX, são, indubitavelmente, de uma riqueza mística extraordinária. Este estudo visa apresentar esta singular riqueza, atestando que a mesma se insere na linha de uma “mística da ação” caracterizada por uma co-incarnação amorosa manifestado, sobretudo, num serviço misericordioso com perceptíveis implicações sociais.

Palavras-chave: Sílvia Cardoso, “mística da ação”, serviço, incarnação, misericórdia.

Abstract: The writings of Sílvia Cardoso, a Portuguese Catholic lay women who lived in the XX century, have, undoubtedly, an extraordinary mystical wealth. This study wishes to present this peculiar wealth, asserting that it is an expression of an “action mysticism” characterized by a loving co-incarnation expressed, above all, in a merciful service with obvious social implications.

Keywords: Sílvia Cardoso, “action mysticism”, service, incarnation, mercy.

* Faculdade de Teologia – Porto e Centro de Estudos de Filosofia – Porto da Universidade Católica Portuguesa.

«Love is not patronizing and charity isn't about pity, it is about love»

Teresa de Calcutá, *A Simple Path*

Introdução

Com estas simples palavras está a começar a contactar com um texto teológico sobre a espiritualidade e a mística de Sílvia Cardoso. Não se trata de, nem pretende ser, nada mais do que isso. Em certo sentido e por um lado, quem as está a escrever é, quanto às suas qualidades espirituais, a pessoa menos apropriada para o fazer e, por sua vez, as circunstâncias presentes são as menos convenientes. Acerca destas, o céu está plúmbeo como um ecrã televisivo cheio de um pesado ruído estático acinzentado e agudo que não permite ver, nem ouvir, a emissão. Parece, assim, estar como que a querer ocultar a luz de uma inspiração teológica que, felizmente e por dessa forma deixar claro que jamais poderá ser domesticada, foge, com uma delicadeza ferina, sempre que é necessário. A respeito daquelas, depois de termos contactado, durante meses, com os escritos de Sílvia Cardoso – explicando-se, assim, a opção de, neste ensaio, apenas referirmos, além de textos bíblicos, os da nossa Autora –, cola-se à pele a sensação de uma profunda indignidade. Uma indignidade para se falar de alguém cuja santidade brota à evidência em cada respiração efetuada em contacto com tais escritos.

Talvez aquela acutilante percepção de indignidade seja merecida. Talvez. Geralmente começamos a tornar-nos frios e insensíveis face à nossa pecaminosidade ainda antes de principiarmos a viver autenticamente. Eis um fenómeno análogo ao sentir dores nos ossos antes de uma mudança de clima e, tal como acontece com esta ocorrência em que as dores podem continuar inclusive depois de tal mudança, mesmo depois de nascermos para Cristo, aquela fria insensibilidade pode, tristemente, continuar. Perante este facto, só se pode dizer que os santos, com os quais nos podemos cruzar ao longo da nossa vida nos locais menos esperados e na virtude luminosa da decisão inesperada mas amadurecida no cadinho do amor, são uma bênção. Na realidade, pelo seu testemunho de um sempre multifacetado discipulado evangelizador, eles podem fazer-nos sentir um vívido desconforto espiritual. Um desconforto que, sem qualquer investimento programado da sua parte, nos desperte para a tristeza da nossa sombria vida cristã.

Todos os pecadores são semelhantes, e quem exerce o ministério da reconciliação sacramental e (ou) o de acompanhamento espiritual poderá confirmar que, não obstante a realidade do "pecado original", os pecados são sempre muito pouco originais. Já os santos, aqueles que já em vida são

notavelmente distintos no amor a Deus e aos demais ou Àquele por estes e a estes por Aquele, são todos diferentes, a ponto de poderem parecer ser uns quaisquer seres estranhos neste Mundo cheio de cicatrizes. Assim sendo – e felizmente que assim é –, cada um deles, ao cruzar-se nas nossas vidas, pode operar, de uma multiplicidade de formas, o despertar de uma dada dimensão da nossa vida espiritual.

Infelizmente, e a respeito do que acabou de ser referido, a verdade é uma e precisa de ser patenteada com toda a clareza de uma exigência exaustiva expressa em poucas letras. A saber: muitas das vezes os santos são pessoas invisíveis: invisíveis, porque não deixam de ser pecadores; invisíveis, por viverem a sua autenticidade espiritual nas circunstâncias mais banais das suas tarefas quotidianas; invisíveis por, para quem quer viver na sóbria ilusão da sua grandeza, ser mais confortável ignorá-los do que ver a luz que se reflete na sua humildade humanizante. Todavia, no momento em que alguém, de um modo profundo, contacta, direta ou indiretamente, com um santo, um fogo, comumente escondido no pormenor, pode acender e tudo pode mudar. Geralmente esta mudança principia com uma breve comichão nos olhos do coração e pode chegar, ante a constatação, dada pela humildade lúcida, do abismo entre o que se é e o que se poderia ser, a um desânimo profundo, que só pela graça não raia o desalento; isto é, a ausência de alento, de fôlego espiritual.

Este trabalho é, assim, e com toda a franqueza, o resultado da convergência, inquietadora, por um lado, de uma admiração sinuosa, que não pode subverter a retidão e a neutralidade que nele deve ser omnipresente, e, por outro lado, de uma apreensão por as letras que, bem arrumadas sobre a nívea folha digital ou física em que serão lidas, o comporão serem profundamente incapazes de dizerem a santidade daquela sobre quem elas versarão. Tenha-se, por favor, e nem que seja apenas de um modo implícito, isto que acabámos de dizer em ponderação ao longo de todas as próximas páginas, que dividiremos, antes de uma Conclusão final, em “cinco passos”. “Cinco passos” que giram uns sobre os outros, recuperando, intencionalmente e a cada momento reflexo que garantem mútuos contactos, algo a ser dito ou já mencionado. E que, dessa forma, tudo o que viermos a dizer, que também gostaríamos que fosse tão desinstalador como os próprios textos que lhe deram origem, só seja aceite se for uma diafania de uma santidade que nos assoberbou e humildificou.

Primeiro passo: “a encarnação pela Cruz”

A vivência da fé em Cristo Jesus é, e não pode não ser, concreta e histórica. Daqui decorre, e sem nenhuma argúcia a ser necessária para afirmar isto face ao antes atestado, que a vida cristã é a participação no encontro de Cristo com o Mundo. Nada de espiritual que se afaste deste facto é verdadeiro ou desprovido de uma capacidade de degradação. A dinâmica da encarnação (cf., *v.g.*, *Jo.* 1,14; *Flp.* 2,5-11), normativa para toda a vida cristã como um repto identificador, não o permite e a nossa Autora sabe-o perfeitamente: «a estrela aparecida Jesus nos indica! O que dos Céos desce em nós encarna! O Verbo de Deus, em nós!»¹. Em nós: no coração humano, mas igualmente no coração da história a ser redimida sem qualquer tangente asséptica. A espiritualidade é inseparável da soteriologia e ignorá-lo é como usar, naqueloutra, um qualquer detergente branqueador que a dissolva numa névoa escura que, mesmo podendo ser exuberante, ultraja a sua verdade. Não há caminho algum da humanidade para Deus que não seja o humilde caminho d'Este até aquela: Jesus Cristo (cf., *v.g.*, *Jo.* 3,13; 4,6). Para Deus, e sempre ancorado na gratidão espiritual decorrente da contemplação deste último caminho, sobe-se descendo-se até às alturas da humildade (cf., *v.g.*, *Tg.* 4,10): «na altivez não mora o Amor e só na humildade reside a Caridade»² que permite a «ascensão [na] vida do amor»³, donde não é de espantar que Sílvia Cardoso também diga que «quanto mais pobre, mais me chego a ti!»⁴. Foi assim que Ele fez ao vir ao nosso encontro; é assim que devemos fazer para irmos ao Seu encontro, por mais que, ainda que devoremos quilómetros de asfalto, não o logremos só por nós.

Tremendo erro, a este respeito, o do grande teólogo calvinista Karl Barth, quando, com a sua habitual tristeza extenuante, afirmou que o finito é incapaz do infinito. O seu preconceito não lhe permite aperceber, sequer, que a sua

¹ C25; D8. Nota importante: todas as citações de textos de Sílvia Cardoso que transcrevermos para a elaboração deste trabalho encontram-se em arquivos que serviram de base para a instauração, e prossecução, da *Causa de Beatificação e Canonização*, e foram presentes às entidades eclesiais competentes, quer na Diocese do Porto, quer na Congregação para a Causa dos Santos. A grafia por nós utilizada nas ditas citações é, sempre e com todo o rigor da nossa parte na verificação desse facto, a presente nos textos. Tenha-se em consideração, ainda, que a indicação para a localização de citações dos textos da nossa Autora seguirá sempre o modelo presente no início desta nota de rodapé: Cx; Dy, em que “C” e “D” se reportam, respetivamente, a “Caixa” e “Documento”; e x e y, presentes em dígitos indianos, aludem, de modo respetivo, à numeração daquela e deste.

² C2; D53.

³ C34; D22.

⁴ C7; D2.

própria afirmação implica uma espécie de pressentimento do que é o infinito. Deus não Se faz presente a despeito do ser humano (cf., *v.g.*, *Ap.* 3,20). A própria estrutura da Criação é a matriz para a mencionada manifestação. Ela é, em si mesma e por virtude do Logos Criador que nela haveria de incarnar ao assumir a natureza humana, um pressuposto e, ao mesmo tempo, um destinatário de tal manifestação: «o Amor / A Obra / Deus / O que tudo cria; para n'ele, tudo ser visto; em Amor; por um só Amor, em Obra; visto, n'ele; em Amor»⁵. O caminho da manifestação mais substancial da perene presença de Deus até Cristo é mais um transparecer, absolutamente livre, e a um coração que faz o caminho de uma humanização à imagem d'Aquele mesmo Cristo, do que um circunstancial aparecer: «faça-se; pelo vosso Amor; no meu; a viver; em Amor; a união / A Salvação pela união do Amor, visto, n'ela; em pureza; pela Obra, mais linda, // a transparecer na sua Obra / O Amor / O vosso, olhar / O vosso sorriso / A vossa, magestade, toda ela, vista, em goso e em Amor»⁶.

Mas não só: longe da Cruz, único solo em que o amor se enraíza e desafia cada cristão a seguir o seu Senhor (cf., *v.g.*, *Mt.* 16,24), não há nem um ser humano genuíno, nem um Deus para nós que seja verdadeiro. Todos os trilhos espirituais que não levem até ao pé desta, por mais que sejam propalados por esta ou aquela pessoa fascinante ou nem tanto, deveriam ser corajosamente evitados, pois apenas levam espiritualidades enfermigas (cf., *v.g.*, *Mt.* 15,14). A nossa Autora tem plena consciência disso quando, em jeito de uma oração desafiante que irrompe de uma consciência enamorada e tonificante, escreve: «abraçada à Cruz, eu quero viver; e morrer, beijando-a meu Jesus! Na Chaga do Sagrado lado entrarei e por ella, passarei, à minha eterna morada O Vosso Coração»⁷.

O fundamental passa, por conseguinte, por O vislumbrarmos intimamente presente em todos os locais onde, mesmo nas épocas incapazes de ver a verdade que o amor é, o máximo da humildade humana coincide com o máximo da Sua humildade. Aquela humildade que, longe de todos os sonhos cristológicos insensatos, é o mistério mais profundo da encarnação: o de que a glória divina – e aqui não há eloquência alguma que possa dizer este facto da forma que ele mereceria – consiste na liberdade soberana do Deus que é Amor irradiante para Se entregar ao nada e, mais ainda, à inutilidade mundana de uma escravatura entre os homens (cf., *v.g.*, *Flp.* 2,7s). Mais: entre homens convertidos em carrascos que O remetem para o epíteto e o castigo mais vergonhosos (cf., *v.g.*, *Gal.* 3,13). A nossa Autora sublinha bem este facto quando,

⁵ C28; D4.

⁶ C19; D3.

⁷ C36; D7.

articulando-o com a sua grande preocupação da Obra do Amor em Obra, diz: «a Reparação eterna / O Amor / A Obra / Deus / Escravizado, em Amor; para em Amor, ser visto; o Amor, a Obra / Deus / Escravo, na sua Palavra, na sua Palavra; visto, n'ela; em Amor / Pelo seu Amor, em Obra, visto, n'ele; em Amor e em Obra»⁸. É justamente assim que se penetra no aparentemente pequeno e insignificante, na morte silenciosa da humildade que leva a que ser humano possa aprender a não se subtrair ao real. Longe do Céu aproxima-se de uma terra que se afunda no húmus da vida como o grão de trigo que renascerá na aurífera espiga que, por sua vez, será esmagada para se dar em alimento (cf., *v.g.*, Jo. 12,24).

A humildade, do lado humano, precisa de ser o participar na já aduzida descida de Deus à forma de servo, *com*-obediente com o Obediente até à morte para atravessar toda a realidade a partir de dentro da mesma: «O que ordenaes de Mim? – pergunta a nossa autora com uma candura avassaladora que, não obstante, deixa entrever um cenário cheio de metamorfoses espirituais – Pronto estou Senhor; obedecer quero, sem vêr nem compreender! Só Vós o sabeis e basta Senhor!»⁹. Da mesma forma que o inimaginável poder do amor de Deus-Amor se afunda, silenciosamente, no decurso de um Mundo comum e até mundanizado, a humildade humana reside em assumir tal obediência crucificada até a morte do “ego” (cf., *v.g.*, Jo. 12,25) como condição de servir os demais (cf., *v.g.*, *IPd.* 4,10). De modo mais breve, mas a terminar numa citação de enorme fôlego tão típica das palavras epifânicas de Sílvia Cardoso: a humildade humana, para ser verdadeira e não um qualquer rebaixamento, precisa de ser um existir na Humildade d'Aquele que «na humildada sempre [esteve], o maior génio da Humanidade, sempre em atitude humilde»¹⁰.

Se o que acabámos de referir não acontece mais frequentemente, isso não se deve à falta de alertas dos grandes espirituais e místicos que, infelizmente, certa hipocondria teológica remeteu para os subúrbios dos infernos. Deve-se, antes, à persistência de inclinações prometaicas e babélicas que poderão conduzir, senão retificadas por aquela adesão à humildade, a que «todo o Amor [seja] trocado, em odio / [e] Em babilonia eterna o condenado [permanecer]»¹¹. Encontramo-nos aqui com inclinações que impedem a comunhão com as opções messiânicas de um Jesus (cf., *v.g.*, Mt. 4,1-10) que, como Senhor da Glória (cf., *v.g.*, *1Cor.* 2,8), manifesta, histórica e normativamente, a filiação eterna do Filho. O Filho que veio realizar, em Si, uma

⁸ C31; D1.

⁹ C38; D3.

¹⁰ C15; D1.

¹¹ C13; D9.

salvação, na linha do amor, melhor do que a qual é impossível pensar: «Que outra coisa poderei fazer com o meu povo?» (*Jr.* 9,6).

Jesus não Se limitou a viver, guardando silêncio, verbal e (ou) existencial, acerca do essencial. Ele viveu aderindo a uma forma concreta e operativa de existência que, sem ter a língua ou coração presos a impedirem-No de articular aqueloutro essencial, fosse a máxima transparência do Deus-Amor. Nesta Sua existência, Ele, por um lado, acaba por denunciar todas as atitudes erradas, e frequentemente obsessivas pois queridas combater com elas mesmas, do ser humano ante Deus, os demais e ele mesmo. Aquelas atitudes que, consumindo-se a si mesmas, se baseiam numa *auto*-suficiência oculta sob a capa de um amor-próprio inseparável daquele orgulho que desfigura, até ao seu total irreconhecimento, inclusive a mais digna ação de amor: «mais vale uma alma cheia de pecados, com humildade, que uma alma cheia de boas obras com orgulho»¹². Por outro lado, Jesus anuncia, com a Sua vida, que Deus é o conforto, a consolação e a alegria dos pobres e dilacerados (cf., *v.g.*, *Mt.* 11,28s; *2Cor.* 2,3-7), que, a partir da sua humildade e até do seu pecado, se entregam, de bom grado e como que desejando ser recriados, à misericórdia de Deus e, desse modo, experimentam o Seu amor e o Seu perdão de Pai (cf., *v.g.*, *Lc.* 15,20-24). A ilusão, aqui, é totalmente inexistente.

É justamente isto que nos deixa entrever, como se estivéssemos sob uma vaga que não é cega, que a vocação à perfeição, desejada por Sílvia Cardoso como um ideal para si e para a Obra do Amor enquanto «em Deus [...] assente»¹³ e meio para «tornar a alma semelhante»¹⁴ a Ele, por configuração com Jesus, e n'Este, e graças ao Espírito, com o próprio Pai, não pode ser senão na linha do amor (cf. *Mt.* 5,48; *Lc.* 6,36; *Ef.* 1,4). Não um qualquer amor indefinido e incerto, nem, mais gravosamente ainda, grotescamente confundido com o sentimento a si homónimo, mas efetivo: «Amor não só por sentimento. Amor por obras»¹⁵ (cf., *v.g.*, *IJo.* 3,18). E isto segundo a modalidade, sempre evolutiva, desse mesmo amor decorrente da iniciativa basilar da graça: a sua gratuidade, o seu desinteresse egorreferente, a sua consolação derivada da vivência do perdão comunicado até à entrega da própria vida à semelhança do próprio amor do Deus-Amor (cf. *Jo.* 4,8.16). Aquele amor que, mesmo numa qualquer análise infinita que pudesse ser empreendida, resplandeceria sempre naqueloutra glória crística que já foi alegada, tal como as próximas frases da nossa Autora, embora densíssimas em sentidos não

¹² C34; D21.

¹³ C22; D6.

¹⁴ C15; D1.

¹⁵ C9; D3.

pontuáveis, deixam entrever: «colaboradores de Jesus sejamos os seus // servos no resgate da Humanidade. Continuadores da sua Paixão. Missão de glória! Cristos! Portadores da Cruz, os servos de Jesus [. . .], n'essa escada de oiro massiço, em que o primeiro degrau está na Terra e o último no Céu!»¹⁶.

Como vemos, tal Glória, que não é senão um multifacetado «Amor em Glória»¹⁷, não deve ser imaginada na linha dos poderes do Mundo, mas na linha do poder do oferecimento do amor que se expressa maximamente naquela Cruz que tudo atrairá para si (cf. *Jo.* 12,36): «a entrega de Si mesmo fez, para nesse mar de culpas, nesse abismo, sem fundo [do Calvário], a glória de seu Pai e a salvação das almas procurar!»¹⁸. Este poder, como é compreensível a quem não for um *voyeur* da vida, só se expressa onde aquele outro não está presente, sobretudo porque ninguém pode viver entregue a dois poderes (cf., *v.g.*, *Mt.* 6,24; *Tg.* 4,4). Entre um e o outro não há meio termo possível. Quem quer caminhar para a Cruz não pode, nem sequer no dorso de um qualquer Leviatã invejoso que lhe surja na vida, pôr-se a caminhar para longe dela seguindo trilhos autocráticos, pois, quando Cristo chama alguém, Ele convida-o a partir de si e a morrer àqueles trilhos: «uma só Obra, em Obra, sem altivez; sem dobrez; sempre a humanidade vista, em Obra; pelo egoísmo derrubado»¹⁹.

Se alguém entra num autocarro que vai no sentido do egoísmo cómodo em que Deus não tem lugar nem sequer na esfera do demonstrável, não adianta nada pôr-se a correr, ao longo do corredor central, no sentido de um amor que está, sempre e incessantemente, disposto a deixar-se ser abalado pelo Deus-Amor. Há que sair, humildemente e já olhando para a efetuação em si do Infinito, desse autocarro. Eis uma humildade que é o descentrar-se pela entronização de Deus no nosso centro, entregando o empiricamente desconhecido a Este (cf., *v.g.*, *Mt.* 6,34), tal como aconteceu com Sílvia Cardoso e ela, com palavras anónimas mas incircunscritas, convida uma amiga sua a fazer: «por completo se entregue a Deus; ponha-se como uma bola; nas suas mãos, e não lhe dê cuidado, o seu futuro»²⁰. Isto pode custar e causar dilacerações tremendas e, geralmente, pintadas a sal por Deus, sobretudo se ainda não se tiver perdido o medo de se confiar um futuro desconhecido a um Deus conhecido: «de tudo N. Senhor me queria desprendida. Morta a tudo; um caminho desconhecido se abriu para mim»²¹. Todavia, onde Deus rasga

¹⁶ C34; D6.

¹⁷ C5; D2.

¹⁸ C1; D1.

¹⁹ C13; D9.

²⁰ C3; D11.

²¹ C5; D4.

profundas feridas com as Suas lágrimas salgadas (cf., *v.g.*, *Is.* 42,14; *Lc.* 13,34; *Jo.* 11,33), não se deve tentar preenchê-las com palavras humanas. Somente gestos determinados, que brotam da recetividade do referido Infinito, valerão. Tão-somente assim a pretensão da ascensão ilimitada à grandeza, por parte do sempre condicionado ser criatural, reconhece a descida ilimitada, do sempre Incondicionado Amor que Deus é, à humildade.

De qualquer modo, o futuro é, inequivocamente e a não ser que nos entreguemos a falsos campos semânticos supostamente deste derivado, a parte do tempo que menos se parece com uma eternidade que, como iremos ver, é extraordinariamente importante. O passado, esse, está imobilizado, sempre que não deixemos Deus purificá-lo ao depurar as nossas memórias acerca do mesmo. Já o presente, por fim, está repleto com os raios de uma eternidade que, na santidade do momento presente, até ele chega quando o mesmo é feito amor nas cruces e prazeres quotidianos. O ser humano vive no tempo, mas está vocacionado ao infinito da eternidade (cf., *v.g.*, *Jo.* 17,3; *1Jo.* 5,11; *Jd.* 1,21), como bem refere Sílvia Cardoso: «para o infinito fui criada»²². Aquele eternidade que só em tal amor derivado da Cruz lhe comunica a tão pesada, para o “ego”, responsabilidade de ser humildemente livre, não para pecar, mas para em tudo querer o bem, conforme diz a nossa Autora com palavras que não têm na sua base meras palavras:

«Aos humildes o Amor desce sempre pronto a valer as almas o Amor. Tudo oferecido por vós no vosso Espírito à alma baixado para Amor ser o Amor em Obra tornado o Espírito Deus a Obra nele vista Desça a vossa luz. Sobre mim eu para em vós Obra ser / A vossa Obra / A cada hora ver o que o Senhor quer. E omnipotente mas não tira a liberdade ao homem no dom do conselho»²³.

Ninguém erra no amor, na «liberdade d’Amor»²⁴ como diz diversas vezes a nossa Autora, vivendo com o centro da Cruz no coração, as suas extremidades horizontais nas mãos, a sua extremidade superior no solo pisado pelos pés e a inferior bem arraigada no espírito vivificado pelo Espírito. Evitar, voluntária e conscientemente, todas as, sempre humildes e humildificantes, pequenas e grandes cruces, inerentes a decisões orientadas ao amor maior e mais concreto, é (querer) fazer-se senhor sem o Senhor (cf., *v.g.*, *Gn.* 3,1-6). Isto equivale, em todas as circunstâncias (negativas, positivas ou até incertas), a

²² C9; D3.

²³ C32; D1.

²⁴ C30; D2.

fazer-se escravo do egoísmo, em vez de se fazer, como uma Sílvia Cardoso que se ofereceu como «escrava e serva [do Senhor]»²⁵, escravo do amor. Aquele amor que arrasta consigo uma humildade humana que é a disposição que prepara o sujeito para viver a inabalável confiança no amor d'Aquele (cf., *v.g.*, *Sal.* 13,6) que confia em si (cf., *v.g.*, *ITs.* 2,4; *Hb.* 11,40): «confio, em Vós; meu Deus e meu tudo! Amo-vos e abandono-me inteiramente, sem querer ver nem compreender»²⁶.

Pois bem, se aquela primeira escravatura, decorrente do assentimento voluntário à pretensão inata de uma autonomia espiritual absoluta, destrói, aprisiona e mata, a segunda escravatura constrói, liberta e vivifica (cf., *v.g.*, *Mc.* 8,35), pois, na esfera do amor, em que o psiquismo humano já foi transcendido (mas não prescindido) como uma espuma de café acabada de beber, a maior necessidade assumida voluntariamente é a maior liberdade. O amor não compele: ele convida a colocarmo-nos de um modo particular diante de Deus, no nosso Mundo e da nossa história. Todavia, uma vez voluntariamente acedido a esse convite que traz consigo uma perene referência à sua autoria, é impossível querer amar menos e melhor do que se pode e consegue: «a minha alma é vossa; o meu corpo e o meu coração! De tudo – continua a nossa Autora convocando até si uma constelação de sentidos que poderão permanecer ignotos – vos fiz plena doação, para cada vez vos servir com mais Amor e mais dedicação!»²⁷. Esta é a sua servitude: não se poder fugir, sem se trair a própria autenticidade assim achada, à dilatação do coração (cf., *v.g.*, *Sal.* 119,32) que, desse modo, bate sempre mais uma vez para amar como anseia, mostrando, além do mais, que um escravo audaz é mais humano do que um rei tímido. Feito universalizável no amor que liberta para a liberdade do amor, o coração anseia por um servir (cf., *v.g.*, *Gal.* 5,13) que, na fidelidade à graça que irrompe sem dar garantias algumas além de si mesma, desbrava continuamente o caminho para a mencionada coincidência de humildades supremas: «todo o nosso ser é vosso; se existimos é porque vida nos deste. Toda ela seja empregada em vos servir e amar, trabalhando para a vossa maior honra e glória, louvando-vos assim permanentemente»²⁸.

Do ponto de vista cristão, o ser humano é livre quando ama, e ama sem qualquer outra perspectiva que o desvie desse amar. A liberdade, e recordando-se que a História da Salvação é a salvação *na* história e não *da* história, consiste no envolver-se agradecidamente na história para a salvar em

²⁵ C5; D2.

²⁶ C36; D1.

²⁷ C5; D2.

²⁸ C7; D3.

colaboração com Deus (cf., *v.g.*, *1Cor.* 3,9). Isto é, para que nada nesta história impeça o amor que bate, ao de leve, no meio da turbulência da agitação mundana: «escondida esteja, embora no mundo me veja. Fora de tudo, mas aparecendo sempre em missão divina! Batida e acossada pelo furacão – continua a nossa Autora, fazendo um ignorado eco a Jean-Joseph Surin, num desabafo tenso entre a sua vocação subjetiva e as suas circunstâncias objetivas –, o perigo não veja e sempre convosco esteja; doce amor do meu coração»²⁹. O amor que se expressa no, genuinamente apostólico, serviço discreto operado, pelo meio do dédalo da intimidade, pela promoção da verdade do amado. Um servir efetivo, palpável e multiplicável como todo o amor, pois o amor é o que se faz, e não, jamais, o que se diz que se fará.

Servir, no fundo e como atestou John Henry Newman, é a renda essencial que se paga à existência para se viver: é a própria finalidade da vida e não algo que se faz nos tempos livres para desabafar uma alma violentada no resto do tempo. A humildade diante de Deus, que não faz com que se seja menos do que se é, mas mais amante do que se era, raramente tem algum valor exceto se, entrançando instantes imperativos em que se é estranho a si mesmo por se estar a viver no amor que desorbita do “ego”, nos preparar para revelar a humildade de Jesus aos demais (cf., *v.g.*, *Mc.* 10,41-45; *Jo.* 13,14s). Sílvia Cardoso, a propósito disto a que nos conduziu pelo meio dos seus textos por nós estudados, também não deixa lugar para dubiedades: «na Cruz morreste por nosso amor [Senhor]. Por vós, Senhor morrer e viver quisera; toda por vós me dar, até morrer; por vós Senhor viver eu quero até morrer por vosso amor! Dar-me toda às almas para a Jesus as levar e com Ele, as ir buscar! Que carinho eu tenha para às criaturas as ternuras de Jesus espalhar e ao seu coração as levar»³⁰.

Segundo passo: “a morte que permite a Vida”

Diante do Mundo mundanizado que, sendo uma paródia infeciosa do Mundo sonhado por Deus, desconhece o que é o amor verdadeiro, tudo isto pode parecer uma loucura, por mais que apenas seja a «loucura de Amor»³¹ de um Deus que, em Jesus (cf., *v.g.*, *1Cor.* 1,26), como «médico veio curar todas as misérias e loucuras, libertando o homem da escravidão do pecado, quebrando as cadeias [...] [num] ato de Misericórdia e de Amor»³² (cf., *v.g.*, *Mt.*

²⁹ *CT; D3.*

³⁰ *CT; D3.*

³¹ *C10; D1.*

³² *C10; D1.*

9,12). É natural: num tal Mundo enclaustrado nos seus próprios limites geradores de cascatas de dependências, a san(t)idade do amor, que vive nas asas do comparativo do amar, parecerá sempre uma loucura, pois revela que a vida é desprovida de sentido se for vivida encerrada em si mesma: «“Ninguém me vê” [...] “Somente eu, e mais ninguém além de mim”. A desgraça [te] alcançará» (Is. 47,10s). Ser louco segundo este desprovemento, que não é senão sinónimo do reconhecimento de que somente se é locatário da nossa vida, é a mais radical forma de ascetismo e de penitência levada a cabo pela negação do próprio “ego” e dos padrões mundanos. Só assim se será um veículo da graça para salientar, por vezes até à rutura das *auto*-obrigações paralisantes, o contraste entre o perecível e um perene que, não obstante, é sempre ferido quando aquele é egocentricamente morto.

Rejeitando, para si e na senda de Cristo Jesus, qualquer forma de reconhecimento objetivo de práticas, honras e louvores mundanos (cf., *v.g.*, Mt. 23,5s.27s), quem vive, no limite do a si possível e graças ao tato espiritual, a san(t)idade do amor, mostra, irrevogavelmente, que tais realidades afastam da verdade: «intimamente somos levados a ter repugnância pelo que nos humilha e abate, levantando-se dentro de nós o orgulho, que sempre levanta a cabeça em nós. Eis a lição: Humildade em tudo; desprezo das honras; das riquezas sendo a pobreza a nossa companheira inseparável»³³. Uma verdade, inseparável do bem e da «beleza eterna em Amor»³⁴ (cf. Sal. 27,4), que, assim, se torna impercetível àqueles traços, nada incomuns, do egoísmo que pervadem a estética espiritual de tantos e tantos cristãos nominais. Triste sina: viver com aqueles traços que arrastam consigo, como a roupa colada ao corpo numa qualquer latitude tropical, a *auto*-satisfação generalizada que impede uma perceção límpida do real. Poucos o saberão, pois geralmente fogem dela através de múltiplas artimanhas químicas e (ou) psicológicas que mascaram o espírito, todavia o facto é que esta *auto*-satisfação egotista só é aniquilada vivendo-se, paciente e indiferentemente, a «noite escura e fria»³⁵ desse mesmo espírito (cf., *v.g.*, Sal. 13,1-6). Uma noite que não é, jamais, um castigo pelo pecado, mas, sem qualquer *tromp-l'œil* espiritual, uma escola para a humildade, o *auto*-descentramento e o amor.

Indo contra a corrente da busca da *auto*-satisfação, temos o sujeito a estar no Mundo mundanizado sob a aparência da irresponsabilidade, da demência e da estultícia (cf., *v.g.*, Sab. 2,10-20), mas que, na realidade e porquanto é a mundanidade que o é, são tudo menos isso. Todavia, é desse modo que,

³³ C10; D1.

³⁴ C14; D3.

³⁵ C9; D4.

mostrando o real mais consistente oculto sob os olhos dos demais e sem sequer intentar uma certa reserva, caem as máscaras da moralidade convencional e das atitudes estabelecidas sob pressão social que, impedindo o contacto com a fonte da consciência, sustentam o «orgulho mascarado com devoção»³⁶ (cf., *v.g.*, *Lc.* 18,9-14). Isto é fulcral, porque tal amor, levado ao limite do inconcebível sem qualquer recurso a um ou outro sortilégio, é o que, justamente, mostra cabalmente aquilo que forma a matriz humana para a salvação. Em concreto: a pugna por alterar a rebelião de uma natureza comum numa relação pessoal que conjugue a comunhão com uma compunção em que, segundo Sílvia Cardoso, «o principal elemento é a dor por Amor e dor por receio»³⁷. É exatamente isto que deixa transparecer a nossa Autora, num dos seus estribilhos apaixonados que são uma interpretação à sua vocação a partir da própria perspectiva divina: «uma só comunhão de Amor; para em união, o Amor ser visto; em Obra, como Deus o foi! Uma só Obra! Um só Amor em Obra!»³⁸.

Esta alteração não perturba, nem confunde, a fé daqueles que vivem esta virtude teologal, não sendo, pois, uma qualquer pedra de escândalo (cf., *v.g.*, *Mt.* 18,6) de profundidades lisas. Ela apenas choca aqueles que confundem, frequentemente ao mesmo tempo que geram tempestades exaltadas, a verdade e a fé com os conceitos morais decorrentes do decoro social mundanizado (cf., *v.g.*, *IPd.* 3,3s). Choca, evidentemente, pois decorre da audácia amorosa de manifestar, abertamente, a ferida do pecado que, sendo comum a todo o ser humano, não é passível de ser escondida atrás de exterioridades sociais (cf., *v.g.*, *Jo.* 3,19s). Nem sequer sanável mediante a aquisição de respeitabilidade moral que esfrie uma dilatação do amor que, como sabemos, é, em cada sujeito, tão irrepitível como uma impressão digital. Tal ferida é apenas superável, do lado humano alentado pela graça, por uma liberdade decorrente daquela total «mortifica[ção] [d]a inteligência e [d]a vontade»³⁹ que, renovando o desejo, rompe as formas convencionais e se deixa abraçar pela ressurreição da vida do amor que não conhece barreiras. Uma mortificação entendida, evidentemente, e na linha do que já foi aduzido *en passant*, como um dar morte, por vezes sob contornos vitimais, a tudo o que de necrosante existe, do ponto de vista espiritual, no sujeito (cf., *v.g.*, *Prov.* 14,30) e, assim, e como se lê a continuação da pretérita citação, assegurando-se de que, em toda a curvatura do horizonte deliberativo, «toda dor dev[a] referir-se a Deus».

³⁶ C34; D33.

³⁷ C34; D33.

³⁸ C10; D2.

³⁹ C10; D1.

Não se estranhe a alusão a “contornos vitimais”, que, por sinal, são tão patentes nos escritos que se estão a ponderar a partir da ocasião em que a sua Autora aduz «a 17 [de abril de 1928] fiz o voto de vítima. Começou a imolação, sentindo-me levada cada vez mais para N. Senhor»⁴⁰. Não se trata, na sua essência, de algo de estranho ou patológico, embora em outras pessoas, que se preocuparam mais com o que tal gesto significava para si do que para Deus, tenham surgido algumas manifestações históricas, de tal “voto de vítima”, que o possam ter sido. É apenas o entregar-se continuamente, na sequência da reta compreensão do conceito de “mortificação” antes aduzida e tão associada ao «culto segundo a natureza» (*Rm.* 12,1), ao amor maior e melhor. Quer dizer: àquele que, precisamente, vitima o “ego” que existe em cada sujeito, até que este último possa ver ser sacrificada, pelo Criador e num cenário que não deixa ocasião para que aqueloutro “ego” recupere o fôlego, a sua autenticidade numa relação simbiótica entre esta e Deus: «offereço-me Senhor / Como holocausto, / Vítima d'amor, / Unida à Cruz! / Aceitae-me; / Aceitae-me; / Meu Jesus!»⁴¹. Por outras palavras: até que logre ver a sua autenticidade reconhecida como sagrada, pois resplandecente do amor centrífugo que, longe de toda a inclinação para a reapropriação, a constitui e a faz arder na labareda do amor de cada momento (cf., *v.g.*, *Lc.* 12,49).

A mortificação, neste preciso sentido – e expressando-se em Sílvia Cardoso peculiarmente pela oração, a penitência e o sofrimento espiritual em união reparadora com a Paixão de um Jesus que revela um «Amor [que] não é amado»⁴² –, leva à realização voluntária apenas do que a morte, que se faz maximamente presente quando o pecador inveterado perde a habilidade de se rir de si mesmo, reclama inexoravelmente ao, e do, ser humano. E se, sendo «Cireneus, seus»⁴³, o sujeito desejar que ela seja um carregar sobre si a Cruz do próprio Senhor (cf., *v.g.*, *Mt.* 27,32), que venceu, pelo seu amor concentrado nesse evento, o que de espiritualmente mortal existe no Mundo, tal mortificação manifesta algo de muito concreto. A saber: que não pode ser senão uma realização existencial do sujeito viver incorporado, em todas as circunstâncias, não só na morte em geral, mas igualmente na morte vivificante de Cristo Jesus (cf., *v.g.*, *Is.* 53,5; *IPd.* 3,18): «fideis sejamos a Voz do Senhor que chama a si os corações. Nenhum fique fora do seu. Por todos elle morreu! A vida deu! Por todos se deu!»⁴⁴. Encontramos, assim e tal como esta última citação revela sem nenhum vestígio de tendenciosidade, uma certa convergência

⁴⁰ C5; D4.

⁴¹ C5; D5.

⁴² C5; D2.

⁴³ C8; D1.

⁴⁴ C36; D12.

entre necessidade e liberdade: as passividades involuntárias, provindas de fora, tornam-se contextos de adesão à mortificação voluntária. Aquela que, por seu lado, será sempre superada por uma passividade involuntária ainda maior que terá o seu último rosto numa morte que, embora seja uma realidade quase ficcional para quem já vai morrendo a si mesmo, todas as ilusões derruba: «a morte vem! Dissipa num momento os castelos formados; também por terra e tudo fica derrubado»⁴⁵.

Esta mortificação é uma vocação: a de o crente, antecipando livremente o peso da morte biológica por mortes espirituais positivas, viver corajosamente «O Amor / O que dá a Vida»⁴⁶ numa vida vivida agraciadamente ante a doação gratuita de Deus (cf., *v.g.*, *Mt.* 10,8): «que gratidão não deve ter a alma minha por aquelle que morreu n'uma Cruz por teu Amor!»⁴⁷. Aquela vida em que se dá morte ao que nela, devido à sua imersão no mundano que também dela se nutre, há de falso. Trata-se, portanto, de uma forma de amor em obra que expressa a fé numa vida da graça em que, eliminando-se toda a alienação, a alteridade do "eu" face ao "ego" se torna máxima. Não se trata, em circunstância alguma, de fugir do mundano que há no Mundo ou do, àquele intimamente ligado, egoísmo que há em si, senão por amor, sincero e tranquilo, pelo Mundo e pelo "eu" na linha do próprio amor basilar de Deus por tal Mundo e tal "eu" (cf., *v.g.*, *Jo.* 3,16; *Rm.* 5,8).

A gravidade, talvez excessivamente ténue, do que acabou de ser dito precisa, e merece, ser traduzida de um outro modo que dê prioridade a palavras mais carregadas de *pathos*. Sendo assim, diga-se que a morte e a vida, a rejeição e a aceitação, a escravatura e a liberdade devem, numa aferição espiritual que por vezes é terminal, andar de mãos dadas no coração e nas mãos daquele sujeito que vive uma desmedida divina brancura. Uma que, ferindo antes de ter sido emitida, é distintiva de uma pureza albergadora a que, mais à frente, ainda se fará referência. Isto só acontece quando Deus reconhece, e abençoa, aqueles polos aparentemente opostos, e tal não é possível senão quando aquele andar de mãos dadas ocorre. Deixa-se o mundano e o egoísmo para acolher de Deus, quer o Mundo, quer o "eu" e, ao mesmo tempo, deixar-se encontrar por Este inabitando o Seu paraíso na alma (cf., *v.g.*, *1Cor.* 3,16): «o Paraizo terreal perdido para ser de novo encontrado, por Deus na alma e a alma em Deus!»⁴⁸.

⁴⁵ *CT*; *D3*.

⁴⁶ *C22*; *D1*.

⁴⁷ *CT*; *D1*.

⁴⁸ *C19*; *D2*.

Nada disto pode, contudo, ser vivido a partir do constantemente nebuloso, e espiritualmente homicida, ressentimento (cf., *v.g.*, *1Cor.* 13,5c; *Ef.* 4,31). O ressentimento é, como deixaram em alerta para a sua posteridade os Padres do Deserto, irmão gémeo da soberba e filho da fraqueza da insidiosa *filautia* que é incompatível com o amor (cf., *v.g.*, *1Cor.* 13,5b), e, com estas, não é indígena ao coração humano. Deste modo, ele não muda o coração dos demais, embora os possa contagiar, mas somente o daquele que o vive. Apenas o esvaziamento, voluntário e tranquilo e tendencialmente total em Cristo Senhor, do que no sujeito há de menos autêntico o pode permitir: «aniquilada fico. Desaparecendo a mim mesma, sinto a vossa grandeza! Filha, até o Crucifixo te tirei. Quero-te despida e desprendida de tudo! Seja Senhor! A vossa vontade se cumpra em mim!»⁴⁹. Palavras cruas, mas belíssimas na sua rejeição de toda a alegoria consagrada por cânones espirituais que, de tão consagrados, se tornaram, ao contrário destas frases de Sílvia Cardoso, incapazes de qualquer ductilidade.

Isto que se acabou de referir, e tal como já se mencionou, pode ser custoso e até assustador, mas cada um, sem jamais enveredar por querer ser um qualquer relógio kantiano, tem de ousar ser ele mesmo tal como é visto e desejado por Deus: um pecador perdoado, mas chamado a ser um perdoado não mais pecador. Nada, portanto, de uma busca ansiosa pela *auto-realização*, mas somente o esforço por se fazer o que o amor impetra em cada momento como maximamente possível (cf., *v.g.*, *Is.* 43,18s): «abandono total, à minha vontade! Agindo, sempre, no momento presente; sem – continua o Senhor a dizer à nossa Autora numas palavras desta que testam o pensamento – querer vêr, ou saber!»⁵⁰. Aqui André Comte-Sponville tem a sua quota-parte de razão. A tranquilidade inquieta e empenhada, que faz do correr um pulsar sem cessar e do cansaço uma condecoração do amor, é um dos órgãos vitais para quem aspira a viver no Mundo com confiança inquebrável na ação de Deus e no que de positivo possui a realidade (cf., *v.g.*, *Sal.* 103,19; *1Tm.* 4,4): «O que quereis que eu faça Senhor?! / Em tudo, consulta-me não te dê cuidado o que hei de querer de ti. A seu tempo, mostrarei. Tudo irei dirigindo. Serenamente caminharás. Na paz é que fallo às almas // Abandono; abandono, cada vez mais abandono! Este e a humildade são os alicerces da minha obra, já tão querida ao vosso coração»⁵¹. O perccionado pelo coração fica, com estas frases, elevado a potencialidades virtualmente ilimitadas.

⁴⁹ *C7; D3.*

⁵⁰ *C8; D2.*

⁵¹ *C5; D4.*

Pois bem, o antes mencionado só é logrável a alguém que já vive, nos interstícios mais concretos e indispensáveis do tempo, aquela já aduzida eternidade. Aquela que, sendo tocada pelo presente vivido em plenitude, foca, simplifica e expande o mundo interior do sujeito. E isto ao permitir que este veja, por vezes com a sua consciência a tornar-se explícita a esse respeito apenas nesse momento, des-satelitizado de si (cf., *v.g.*, Gal. 5,1), tudo aquilo que antes se pensava escravizar, quando, na realidade, era aquilo que o escravizava. O sim ao finito e perecível, sem se inebriar por estes em atos interpretativos que seriam sempre disformes, só pode ser fruto de um sim, muito maior e prévio, à absoluta transcendência e soberania de Deus: «o Meu, Deus. Todo Meu / O Rei dos Céos e da terra, o Senhor / Soberano, em tudo; sempre!»⁵².

Deparámo-nos, antes, com um fidúcia basilar que não bloqueia, nem estanca, o empenho no Mundo, antes o amplifica num sinal claro de que o amor a Deus e aos demais, embora não se identifiquem sem mais, são inseparáveis (cf., *v.g.*, *JJo*. 5,20) na simplificação da vida mística. Sílvia Cardoso deixa isto bem patente numa das suas concisas afirmações, cheia de conjeturas estimulantes que frequentemente podem passar inadvertidas, presentes num "Santinho" por si guardado: «simplificada a pureza, amor a Deus e ao próximo»⁵³. Nada, por conseguinte, de uma neutralidade fria ante a realidade, mas, como já se apontou antes, um coração inflamado pelo fogo do amor de Deus que, «na fornalha viva d'Amor»⁵⁴ (cf. *Ct*. 8,6), permite uma indiferença apaixonada face ao que o mundano pense ou diga. Quem ama, ama, e sabe que o amar lhe basta (cf., *v.g.*, *Lc*. 12,22; *Ef*. 4,6s). Desta certeza tranquila, que não se opõe à incerteza mas à indisponibilidade de se abraçar o paradoxo sempre inerente ao amor, brota o mais "louco" compromisso por este referido amor.

Daqui decorre que para quem assim vive só existe o presente numa cegueira iluminada pela certeza de uma condução divina (cf., *v.g.*, *Jo*. 16,13): «teus passos são dados por o mesmo Senhor que de ti se serviu para realizar maravilhas! Deixa-te guiar como o cego apoiado ao bordão!»⁵⁵. Há, certamente, e nestas palavras que recordam o *perinde ac cadaver* da espiritualidade inaciana que tanto marcou Sílvia Cardoso, uma abertura à esperança, mas ela como que se vai diluindo numa caridade que a faz mais e mais gratuita. Nada de se estimar poder encontrar nestas palavras, que foram sendo

⁵² C8; D1.

⁵³ C36; D10.

⁵⁴ C11; D2.

⁵⁵ C36; D7.

escritas nas linhas anteriores, umas quaisquer contradições. A Cruz, onde só tudo isto é experienciável particularmente nas suas prolongações eucarísticas (cf., *v.g.*, *Jo.* 22,14-20), é o lugar, fora de todo o lugar, em que o máximo de passividade, dos braços pregados do Amor incarnado, coincide com a maior operatividade, da obra salvífica recriadora desse mesmo Amor: «a que tudo renova e de novo cria; pelo Amor d'um Deus na sua Obra»⁵⁶. Estes elementos, assim e como recordou Karl Rahner na pegada de Léonce de Grandmaison, não só não se limitam, como se fortalecem. Cada um, elevado pelo amor de Deus, penetra o âmago nuclear do outro, libertando nesse processo, por um lado, o sujeito *das* amarras da obsessão pelo sucesso e, pelo outro, *para* o compromisso desinteressado com o que o presente, nas suas mais diversas vertentes, constrói (cf., *v.g.*, *Mt.* 6,28).

Eis, longe de toda a mumificação pseudomística, uma tranquilidade comprometida. Tranquila, pois Deus está presente e ativo em todas as realidades, embora não Se identifique com elas: «Deus / Em tudo, a agir, por um só Amor, em obra, visto, n'uma só vontade / o Amor / A Obra / Deus, na sua obra e a sua obra n'ele»⁵⁷. Comprometida, porque Deus-Amor trabalha amorosa e ativamente nessas realidades convidando, numa co(m)laboração sinérgica sem mistura nem separação que levasses a imprudências espirituais, o sujeito humano ao trabalho do amor na moldura de uma aguda percepção da fragilidade desta colaboração (cf., *v.g.*, *2Cor.* 4,6): «confia em Deus... e não no meu nada! Vós em mim tudo podeis! Posso tudo n'Aquele que me fortalece na Montanha impossível de subir, se não for com a graça!»⁵⁸.

Viver deste modo é viver na tensão do “já”, que enraíza na real transformação do real em Reino, e do “ainda não” (cf., *v.g.*, *1Jo.* 3,2), que coloca o sucesso nas mãos de Deus (cf., *v.g.*, *Jo.* 4,37). Da tranquilidade do amor de Deus, que tantas vezes faz vibrar a harpa do coração com os seus pedidos vulneráveis, brota o manancial do compromisso pela humanização. Aquele que, culminando em Cristo Jesus (cf., *v.g.*, *Jo.* 19,5), é a matriz necessária para a «divinização do Amor»⁵⁹, na plena «participa[ção] da natureza divina» (cf. *2Pd.* 1,4), operada, como é evidente, por Deus. Na realidade, o «Eterno Divinizador»⁶⁰ das palavras de uma nossa Autora sempre capaz de romper as rotinas linguísticas efémeras, no que concerne ao ser humano e àquilo que com este está relacionado e, como sempre afirmaram os grandes espirituais cristãos, não diviniza nada a despeito do ser humano, antes tão-somente o que este humaniza.

⁵⁶ C25; D14.

⁵⁷ C28; D2.

⁵⁸ C34; D22.

⁵⁹ C10; D2.

⁶⁰ C18; D13.

Terceiro passo: “na artéria da ação”

Como se pôde ir comprovando a montante deste ponto, a dicotomia entre “ação” e “contemplação” é absolutamente falsa. Devido à implacável confluência, que tantas vezes a colocou ante o abismo, entre a sua vocação e as suas circunstâncias, a nossa Autora não deixou de reconhecer tal realidade em mais uma passagem, tão a si característica no que concerne à sua especificidade literário-mística carregada de uma não conformidade quase que hipnótica, na qual sublinha a sua visão de uma Obra do Amor no Amor em Obra: «o Amor d’um Deus, na sua Obra, a viver, em Amor / O seu Amor / A sua Obra / Ele / Ele, e só Ele, o Amor / O Amor, visto, em Amor; para o Amor Obra ser e em Amor, viver; o Amor / A Obra / Deus / Pelo Amor, de Marta e Maria, visto»⁶¹. Com efeito, aquela outra dicotomia trata-se de algo tremendamente maculador da verdade, e isto, seja nas suas supostas justificações bíblicas (cf., *v.g.*, *Lc.* 10,38-42), seja na maior parte dos deploráveis desenvolvimentos históricos decorrentes destas.

No fundo, para muitos dos cristãos, desde um Orígenes de Alexandria, sempre como que inebriado pelo mais espiritualizado, até os nossos dias, a vida ativa, essa faceta tão evidente da vida do Redentor, passou a ser entendida, tristemente e na linha de uma suposta concessão a um mal menor, como expressão de uma luta ascética contra os impulsos inferiores. Tidos como incapazes de se entregarem a um afastamento efetivo do Mundo, aqueles que entreteciam a sua existência nessa vida, cosida pela multiplicidade, eram vistos com condescendência, e até com pessimismo, por todos aqueles que, por vezes vivendo entre Fausto e Jesus, se supunham no auge espiritual (estando, não obstante, ao mesmo nível de aqueles outros). Incapazes de verem que as suas atitudes não eram senão a expressão de uma fraqueza que receava, até uma medula feita porosa, que a negatividade das suas posições pudesse, como era o facto, ser falsa, os “contemplativos” tornavam aqueles que não eram como eles incapazes de verem os arcos-íris, dado que os obrigavam a olhar para baixo.

Muitas foram as reações contra esse lamentável estado de coisas, desde Ricardo de São-Victor a Eckhart von Hochheim, apontando, com admoestações tão vigorosas quão irónicas, para o ideal de se poder estar totalmente unificado com Deus no seio de uma atividade que não é pior do que a contemplação. Pode mesmo, e em função da vocação pessoal de cada sujeito, ser melhor, pois aqueles que são chamados à vida ativa também podem e devem, nela e por ela e sem serem como aqueles que se sentem perdidos no meio de uma cidade conhecida, viver totalmente em Deus:

⁶¹ C29; D1.

«Todo o trabalho por Ele, exigido, tem de ser cumprido; um só remedio há; querer somente o seu querer e não o meu; que se levanta altivo, sempre; indomavel por vezes; mas para quê, Senhor, tanta loucura! Filha! Se loucura é o meu Amor, e em ti é feita a minha Obra louca te quero, na Obra do Amor, toda feita, n'um inibriamento d'alma; na pureza mais linda»⁶².

A «fecundidade do Amor a germinar em Obra»⁶³ numa qualquer forma de vida *com-eucarística* não depende de tal forma de vida ser ativa ou, então, contemplativa. Ela depende unicamente, e sem qualquer premência exógena, da sua maior ou menor imersão no Deus-Amor pelo Senhor (cf., *v.g.*, *ICor.* 6,17). Um Deus a Quem se deixa, ou não, dispor da vida e, assim, empenhar-se mais ou menos num, em qualquer circunstância, tudo fazer motivado pelo amor que tudo pereniza (cf., *v.g.*, *ICor.* 13,8), como, com palavras que convidam o leitor a pôr-se fora do seu próprio alcance, bem expressa Sílvia Cardoso ao dizer: «sempre a andar sem jamais parar. Sem se deter sempre a correr. Sem visto ser, tudo fazer para nele tudo ser visto. Em Amor o Amor pelo Amor no Amor. A Obra! Deus! Em glória o Amor! A Obra Deus! A viver»⁶⁴.

A concreta e operativa entrada do sujeito na realidade da Criação, fazendo-se *com-criador* com Cristo Criador (cf., *v.g.*, *Col.* 1,16), encontra-se sempre com uma fronteira contemplativa: «o Amor / A Obra / A Caridade em pratica vista por um só Amor n'ela em Obra n'uma só contemplação o Amor em Obra e a Obra em Amor sempre em Amor e a Obra em Amor sempre em Amor o Amor em contemplação d'Amor»⁶⁵. A ação e a contemplação, desta forma, e ante a humildade reconhecida ante Deus e a Sua Criação, aproximam-se, mas sem nunca se confundirem, antes, e como bem mencionou Thomas Merton, distinguindo-se na justa proporção da sua interpenetração. A redução da segunda à primeira seria o perfeito negativo do messalianismo proto-quietista e, assim, uma perversão tão grave quão este a respeito da relação entre aquelas duas realidades. Não obstante, o embeber as tarefas quotidianas por uma atitude contemplativa abre estas a um algo sempre maior, aprofundando-as na consciência de serem feitas por um "eu" ante um "Tu". Um "Tu" que, convém jamais olvidar, vem até aquele também pela mediação, espiritualmente mobilada e não apenas habitada, dos demais (cf., *v.g.*, *IJo.* 4,12): «o amor do próximo é que há-de traduzir o amor de Deus. Jesus quer viver em nós e quer que nós vivamos nele»⁶⁶.

⁶² C19; D2.

⁶³ C13; D11.

⁶⁴ C19; D4.

⁶⁵ C13; D4.

⁶⁶ C7; D3.

Poder-se-ia dizer que este facto é uma espécie de contacto visual, com os olhos do coração, com Deus (cf., *v.g.*, *Mt.* 5,8). Todavia, também isto requer uma oração pessoal consciente que tenda para ser incessante (cf., *v.g.*, *Lc.* 18,1; *ITs.* 5,17). Uma que, contudo, não deve ser confundida com uma união habitual com Deus, por mais que a nossa Autora pergunte, e o possa perfeitamente fazer ao estar a remeter para um dos fundamentos de tudo o que estamos a ver: «por que não hei-de ser [santa], se o Santo dos Santos, habita o meu coração?»⁶⁷. Dois momentos em articulação em que o estar contemplativo ante Deus e o obrar na Criação geram uma tensão para baixo e para dentro. Para baixo de quem se deseja servir sem paternalismo e, ao mesmo tempo, para dentro do seu coração, de modo a que a união efetiva de dois corações no Espírito faça desse encontro uma atmosfera luminosa de vidas novas na Cruz do Amor e do amor do Amor (cf., *v.g.*, *At.* 3,3-7). E isto, permitindo que se prolongue, dessa forma, a mútua união de corações com o de Cristo Jesus, conforme escreve, com cuidada precisão que não prescinde o recurso a um glossário de mística, a nossa Autora acerca da união fraterna: «na Cruz, unidos estão os nossos corações e no vosso vivem, meu Jesus!»⁶⁸.

O caminho ao encontro dos demais, fazendo-se próximo deles, e dos demais até ao sujeito, fazendo deles próximos deste (cf., *v.g.*, *Lc.* 10,29-37), é essencial a toda a vida cristã. Estes não são algo de secundário à vivência do seguimento até à absolutamente distintiva Cruz da misericórdia do Senhor. São, isso sim, e muitas vezes sem o saberem, companheiros de vida e de peregrinação até aquela (cf., *v.g.*, *Lc.* 23,27), e, assim, rostos a serem encarados face ao interior e face ao transcendente, conforme expressa Sílvia Cardoso com palavras inspiradas na *Salve Regina* e que apontam, em nosso entender, para uma subtil piroeta semântica interessantíssima: «Vós meu Deus e Senhor / A todos, os que peregrinam n'este vale de lágrimas; volvei sempre os vossos olhos, de misericórdia; pelo vosso Amor, em Obra»⁶⁹. Ser homem no Homem que é pura desapropriação (cf., *v.g.*, *Jo.* 5,30; 6,38), dado que a Sua humanidade é a humanidade de uma Pessoa divina toda ela excêntrica, conforme tantas vezes quis deixar claro Maurice Zundel, é ser universal e aberto ao universal (cf., *v.g.*, *Mt.* 28,19). Aberto e comprometido com ele, transcendendo as fronteiras falaciosas e limitadíssimas da epiderme e acolhendo o ilimitado maximamente representado naquele que pode considerar o sujeito, e até Àquele a quem este fez o seu próprio coração, seu inimigo (cf., *v.g.*, *Mt.* 5,44): «dae-me cada vez mais a ciência das almas. Chegae-me a ellas pela

⁶⁷ C4; D1.

⁶⁸ C7; D3.

⁶⁹ C17; D9.

inteligencia e pelo coração. Que eu vos ame por aqueles que vos odeiam»⁷⁰. Precisamente aquele a quem, num concentrar de amor não saturado, Jesus, tendo-o amado até ao Seu último suspiro (cf., *v.g.*, *Lc.* 23,34), pede à nossa Autora para amar do mesmo modo que ama aos seus amigos: «o Máximo Amor, para todos. Para os amigos e inimigos. Não julgues»⁷¹.

Já o vimos, mas aqui devemos reforçar a mesma ideia: não há vida cristã que não passe pela configuração do coração com a *teândro*-doação filial de Jesus ao Pai (cf., *v.g.*, *Lc.* 23,46) e, n'Este, a toda a humanidade. A doação de cada um ao ilimitado é conatural ao ser e ao viver em Cristo e, inseparavelmente, na Sua missão redentora de Amor incarnado e enviado. Acolher o outro na promoção da sua dignidade, tantas e tantas vezes fragilizada e espeznhada e assim incrustada nas «maiores dores; [...] chagas e [...] feridas da nossa alma»⁷², não é algo de acessório à vida teologal cristã. Pensar isso seria enveredar por uma *auto*-apologia destinada à forja de um desamor sempre propenso a simbioses entre a fúria e o disfarce. É, isso sim e como já se viu quando se falou brevemente da *redamatio* – o responder ao amor Deus de com igual amor pelos demais e, sobretudo através destes, por Ele –, decorrente da própria lógica interna do amor que se reconhece só poder ser agradecido com mais amor. Sendo-se amado gratuitamente, só se pode amar gratuitamente, não no abstrato das intensões (cf., *v.g.*, *Mt.* 21,28-32), mas no concreto das relações com os demais que são a “prova dos nove” de tal amor. A gratuidade da redenção comporta o compromisso fraterno de se ser testemunha (cf., *v.g.*, *At.* 4,20), efetiva e em obras de amor, dessa mesma redenção conforme as seguintes palavras da nossa Autora, que parecem brotar de um reservatório inexaurível ao mesmo tempo que se dobram e desdobram umas sobre as outras, bem patenteiam:

«A Obra / O Amor / Deus / N'ele, o Amor, visto, em Amor e em Obra; por um só sangue, n'ela, visto, em Amor; pelo Amor, em eterna Obra; visto, n'ele, em Amor, e em Obra / Deus / A Vida eterna / O seu Amor / A sua Obra / A testemunhar toda a Obra sua / Ele / Ele, o Amor / Ele, a Obra; pelo Amor, visto n'ela, em Amor e em Obra; a viver // Um só Amor / Uma só Obra / O Amor / O Amor, visto, em Obra e em Amor; no teu Coração e no meu, a viver, em Amor»⁷³.

⁷⁰ C34; D4.

⁷¹ C18; D1.

⁷² C7; D3.

⁷³ C7; D3.

Há quem denomine esta atitude vital de “contemplativos na ação”, por oposição a um mais teresiano “ativos na contemplação” e, se quisermos prolongar esta combinação de termos e conceitos, a meio termo entre “ativos na ação” e “contemplativos na contemplação”. Os motivos históricos para essa caracterização decorrem da enorme importância que, desde a sua aprovação pontifícia, a Companhia de Jesus teve em múltiplos âmbitos eclesiais. Inspirados num dos seus lemas mais característicos lavrado por Jerónimo Nadal, os seus membros começaram a caracterizar daquela forma aqueles que, de uma ou de outra forma, viviam uma vocação em que a matriz privilegiada para a contemplação era a ação.

Independentemente de fórmulas, divisas ou máximas, que pela sua concisão até podem levar a interpretações erradas (como a de se ver naqueloutra um qualquer contrário ao messalianismo), o facto é que a mencionada atitude vital traduz a aspiração, e a possibilidade, de se encontrar a Deus em todas as coisas (cf., *v.g.*, *Sal.* 19,1; *Rm.* 1,20; *Col.* 1,17): «a viver / O Amor / A Obra / Deus / O Criador de todas as coisas; visto, em Amor e em Obra, n'elas / Por um só Amor, em Obra»⁷⁴. Ou melhor: a possibilidade de Deus, sendo de tal modo transcendente que a Sua transcendência face às criaturas se manifesta na Sua própria imanência a estas sem com estas Se identificar, Se deixar encontrar em tudo (cf., *v.g.*, *Dt.* 4,29; *Jr.* 29,13). Toda a criatura, como diria Máximo o Confessor (sem que esta sua intuição teológica tenha deixado marcas relevantes no Ocidente), é cenário para a presença nelas, segundo os seus próprios *lógoi* ontológicos, do Criador.

Na tradição inaciana, que marcou indelevelmente Sílvia Cardoso, esta leitura é, geral e lamentavelmente, mitigada e entendida de modo metafórico na linha de um agir, em todas as circunstâncias (“coisas”), sempre de, e num, acordo obediencial com aquela que se discerniu ser a vontade de Deus (cf., *v.g.*, *Rm.* 12,2): «faça-se a vontade de Deus em todas as coisas para n'ela uma só obra ser vista e um só Amor ser consagrado em Obra, o de Deus na sua Obra pela sua Obra N'ele / A Aliança Eterna – continua a nossa Autora fazendo, neste momento, um agravo hermético para quem não conhece a espiritualidade vitimal – aberta pela ligação do Céu com a terra para em Obra ser fechada e um só Cordão ser visto em Amor»⁷⁵. O mundo está repleto de coisas cheias de espanto e de encanto, pacientemente, ou nem tanto (cf., *v.g.*, *Rm.* 8,22), à espera que os nossos sentidos espirituais as deslindem na sua articulação com o Criador (cf., *v.g.*, *1Tm.* 4,4).

⁷⁴ C28; D1.

⁷⁵ C14; D4.

Seja como for, a ação vivida seguindo aquele, já mencionado, movimento de kenótica incarnation descendente e interiorizante, é a única que, por sinal, é concomitante com a aguda percepção de que a presença total de Deus na Sua Criação, na qual somos como que lançados como *com-intendentes*, é conexas a tal movimento (cf., *v.g.*, *ITs*. 5,21). Um excerto textual da nossa Autora, relativamente longo e preenche de portas abertas para descodificações parabólicas, merece, a este respeito e para que quem aqui o encontrar o possa ponderar, ser aqui transcrito:

«Pregoeiros da Boa-Nova! Imitadores do que à terra em missão Salvadora baixou; Redtores sejamos, cópia verdadeira do Rei de Amor! Que o seu reinado vem estabelecer na terra. Que em brasa se torne, antes que cinza seja, o nosso pobre nada, levando às almas o calor ardente dos nossos corações; aquecendo-as; aconchegando-as bem contra o coração recostando-as ao peito, como fez Jesus, ao discípulo Amado. Como a ovelhinha perdida, ao colo a tomemos e com o Dono do Rebanho nos regozijemos. Cristos sejamos no Reino de Cristo!»⁷⁶.

Nada disto permite que se estranhe, por um momento que seja, a não ser que se queira andar a “espreitar às portas” como Kafka, a constatação de que seguir, até à Cruz, a busca do amor sempre melhor deva passar pela antinomia da busca da pureza (cf., *v.g.*, *Sal*. 51,12) pela prática do acolhimento (cf., *v.g.*, *Rm*. 15,7). Se, em Deus, a justiça e a misericórdia coincidem, Ele, sendo humilde por ser Amor, não pode senão aspirar a que, vivendo-se tais atributos em comum (cf., *v.g.*, *Mq*. 6,8), se reconheça que o caminho até à Cruz do Crucificado-Ressuscitado implica a vivência de uma «pureza de intenção [que] é tudo»⁷⁷ (cf., *v.g.*, *Mt*. 6,22) e que, ao mesmo tempo, deve ser vivida no meio do mais impuro causado pelo «maior pecador»⁷⁸ (cf., *v.g.*, *Lc*. 15,2). Comum e desafortunadamente, a pureza passa por ter de ser intocável e rígida, levando não poucas pessoas a pensarem lamentavelmente que a mesma está reservada para depois da morte biológica. Já o acolhimento, esse, passa por precisar de ser sujo e flexível, levando a que aquelas mesmas pessoas pensem que o dito está reservado a pessoas excepcionais. Contudo, no contexto do amor cristão, o acolhimento, na senda da missão do próprio Cristo Jesus que acolhe nas Suas feridas mesmo aqueles que O feriram (cf., *v.g.*, *Lc*. 23,34), é a pureza daqueles que aspiram a ver a Deus e, mais ainda, já O veem

⁷⁶ C1; D1.

⁷⁷ C7; D3.

⁷⁸ C8; D2.

(cf., *v.g.*, *Sal.* 17,15; *Jo.* 14,9): «missão divina, bater à porta dos transviados e acolher as ovelhinhas desgarradas»⁷⁹.

Na realidade, somente daquele modo é que, por um lado, a busca da santidade não se transforma numa expressão de uma impureza concomitante com a mais dilacerante escrupulosidade, ou, pior ainda, o mais paralisante orgulho espiritual; e, por outro lado, o acolhimento não se converte num relativismo totalmente inabitável, sinónimo do maior pessimismo espiritual. Se Deus prometeu que quem tem o coração puro o verá (cf., *v.g.*, *Mt.* 5,5), Ele também disse que será encontrado entre os mais destituídos dos destituídos (cf., *v.g.*, *Mt.* 25,34-46) para, como diz Sílvia Cardoso anotando uma *raison d'être* que em outros textos seus aparece aparentemente mais mitigada, «em Reino o seu Amor ser visto em Obra, n'um só Amor, pela instrução dada em Amor, para a Obra ser vista, n'ela / Em Obra / O Amor a salvar, pela Caridade aos pobres dada // para os cahidos, serem levantados e os na lama, mergulhados, d'ela tirados, pelo Amor, em Obra visto»⁸⁰.

O que a Cruz, que reúne o amor de Deus-Amor e o desamor humano, permite ver, ao desarmar todas as nossas acusações e evasivas ante o Seu desarmado e divino “Eu também” (cf., *v.g.*, *Lc.* 23,48), é que a santidade só é teciável por um amor incondicional e incondicionável por todos na linha, inconsútil e murmurante, do próprio abraço salvífico de Jesus: «missão divina! Tão assombrosa! A maior Obra! A melhor maravilha do meu Amor! Levantada vae ser pelo Seu Autor! Obra divina! D'um esplendor, sem igual, lançado à terra, pelo que por nós morreu! Redenção nova, nos vem ofertar! A Humanidade inteira no seu Coração, albergar! Entrada dá! Porta aberta! A todos, recebe, a todos, acolhe!»⁸¹. “Todos”, como se pode verificar, é mesmo “todos”: desde o maior pecador ao maior santo, sendo que este, como é evidente, será aqueloutro que se reconhece como pecador. Tudo é puro, e pode ser vivido para a glória de Deus (cf., *v.g.*, *ICor.* 10,31), tendo-se a Este no coração. Nessa ocorrência, toda a outra pessoa é como uma sarça ardente (cf. *Ex.* 3,2-6) que, se pecou por um incompreensível desamor, foi e é, ao mesmo tempo e num excesso desmesurado (cf., *v.g.*, *Rm.* 5,20), amada por um incompreensível amor a que o cristão não se pode furtar de declarar com a sua vida (cf., *v.g.*, *Jo.* 15,12).

Este é o segredo do *sobre-viver*, que, como gostaríamos que ficasse tão claro nestas páginas como o é nas de Sílvia Cardoso, rompe com o mero sobreviver através de um desprendimento de tudo o que, mesmo que disfarçado com requintes absurdos, não é senão um apego à vida meramente biológica (cf., *v.g.*, *Mc.* 8,35). Não há amor que não brote da morte ao

⁷⁹ C5; D3.

⁸⁰ C13; D10.

⁸¹ C9; D4.

amor-próprio que, sempre querendo autocraticamente «levantar cabeça»⁸², é «a pior de todas [as prisões]»⁸³: não há amor genuíno que não seja decorrente de uma morte, responsorial e oceânica, ao pseudo-amor que, por mais que olhe “para diante”, só sabe sonhar “para trás”. Isto só é possível, não por um economizar de si apoiado sobre o mais seguro e frequentemente anexo ao “menor esforço”, mas por um suceder de oferendas continuamente derradeiras e sem cálculos na linha do maior e melhor amor atestado por Jesus (cf., *v.g.*, *Jo.* 15,13).

De facto, *sobre-viver* na senda de Cristo Jesus, que é a Ressurreição e a Vida (cf., *v.g.*, *Jo.* 11,25), e dessa forma faz da abstenção perante a urgência do amor um fio de prumo da nossa vida, só é declamável numa pura generosidade (cf., *v.g.*, *2Cor.* 9,7). Uma que tem o rosto da pobreza dadora da já aduzida tranquilidade do amor, dado que, salvo se opte por distinções que apenas revelam astúcias falazes, se pode dar sem amar, mas não se pode, jamais, amar sem dar: «doceis, ao Divino Espírito Santo. Demo-nos com toda a generosidade, da nossa alma!»⁸⁴. A sua segurança decorre de tudo já haver perdido (cf., *v.g.*, *Flp.* 3,8), na linha do *Suscipe* inaciano: «a vossa vontade é a minha! Bendito sejais! A miséria é grande, mas maior o amor do vosso coração. Deste-me! Eu vo-lo oferto, Senhor! Tudo é vosso! Nada tenho de meu senão a miséria»⁸⁵. Somente desta forma é que o crente viverá no véu, a ser continuamente rasgado pela misericórdia de Deus como disse Norbert Lohfink, de uma vida eternizada no amor de uma vida feita toda ela um dom (cf., *v.g.*, *Ef.* 5,1s) sem qualquer vestígio egorreferente (cf., *v.g.*, *Rm.* 15,3). Dom, portanto, não de algo, mas de uma pessoa numa ausência de qualquer restrição que permite arrastar consigo o regresso da humanidade a Deus: «oferecer-me toda para o trabalho da vossa vinha quero, Senhor; ser generosa e constante no meu amor, dando-vos tudo»⁸⁶. Palavras maduras que viram, e reviram, as retinas do coração a todos os que as queiram ler com os olhos do mesmo (cf. *Ef.* 1,18).

Quem se faz, totalmente e na sequência do que já foi apontado, o bem de outrem, expande temporalmente uma sua interioridade numa artéria espiritual da ação que não oferece nenhuma dobra exterior, dado que não será mais do que o recolhimento do amor no silenciar do “ego” (cf., *v.g.*, *Mc.* 12,41ss). A *sobre-vida* não é um depois da morte, mas o vivê-la, sem cessar, no ver, em profundidade e na fé em Jesus (cf., *v.g.*, *Jo.* 11,25s), aquele a quem se ama.

⁸² C34; D34.

⁸³ C9; D3.

⁸⁴ C8; D2.

⁸⁵ C7; D3.

⁸⁶ C34; D21.

E se ama num serviço quotidiano cheio de gestos banais, mas repletos de significados intangíveis, mas paradoxalmente bem concretos, decorrentes da libertação do amado; ou melhor: da libertação do Amor escravizado pelas «algemas do pecado»⁸⁷ do amado para Deus a este libertar: «pelo Amor d'um Deus, em Obra, n'ele; n'um só Amor, visto, o Amor, em remate eterno; o Amor, a libertar o Amor; pelo Amor, visto em Obra, na Obra do seu Amor»⁸⁸. Se para a maior parte das pessoas o pecado já é um simples ato, ou omissão, banal, para alguém como a nossa Autora é uma tragédia: uma estocada que dilacera quem o comete, o Mundo em que ele se insere e até o próprio Coração de Cristo Jesus.

Quarto passo: “a san(t)idade espiritual”

Ultimamente, quem vive da forma que temos vindo a descrever vive o que é comum, no âmbito da teologia espiritual e mística cristã, ser denominado “mística da ação”. Neste contexto, o sujeito vive de modo privilegiado o facto de que tudo que é espiritual na dimensão do amor quer, de uma ou de outra forma, ser “efetuado”: «se creio Amo pelo Amor de sentimento em imperiosa necessidade de falar e pensar nele. Mais é preciso o Amor efectivo cumprindo a sua lei fazendo a sua vontade»⁸⁹. Não se trata de negar outras formas de manifestação da mística cristã. Estas estão, aliás, sempre presentes em união com esta, tal como se vê, de modo maravilhoso, no testemunho místico de Sílvia Cardoso. O que se pretende afirmar é que, a partir de uma perspectiva formal de ponderação, ele pretende chegar a ser como que a integridade de tudo o que é relativo. Quem vive esta forma de mística sente, em si mesmo e longe de todos os labirintos das metamorfoses da memória, o apelo a que a sua mais autêntica relação pessoal com o Deus-Amor se converta, e não se possa senão converter sob pena de se enveredar por uma recusa da veracidade convincente, numa sempre reiterada deliberação. Deliberação esta que possui contornos de compromissos incessantes pelo bem dos demais (cf., *v.g.*, *Gal.* 6,10):

«Uma só Obra num só Amor, em perpétuo gozo ofertado o Amor ao Amor em Obra marcado, pelo Amor no Amor tornado Obra, numa só Obra, para um só Amor haver em toda a sua Obra! O de Deus, tornado Obra! O Amor eterno, em união de amor, no compromisso tomado perante Ele para

⁸⁷ C36; D12.

⁸⁸ CT; D3.

⁸⁹ C15; D1.

todo o Amor lhe ser dado pela consagração feita ao Amor, no Amor; para em Amor ser tornada»⁹⁰.

Trata-se, por conseguinte, e face à moldura com que nos confrontamos, de uma forma de viver a dimensão mais elevada da vivência cristã, objetivando-se esta na concretude, sempre finita mas derivando assintoticamente para o ilimitado, da atuação decorrente das decisões pascais, particularmente de «Caridade[,] Amor e misericórdia para com as almas pecadoras»⁹¹, que transformam a realidade em que o sujeito, feito uma nova criatura (cf., *v.g.*, *2Cor. 2,17*), está presente.

Deste modo, e na senda da relação íntima que tudo o anterior determina, a transcendência teândrica do sujeito passa, frequentemente, por uma abertura à justiça, que se deseja que «corra [...] como um rio caudaloso» (*Am. 5,24*), enquanto expressão da justiça misericordiosa e sempre salvífica de Deus (cf., *v.g.*, *Is. 56,1*; *Rm. 1,16s*): «em Amor visto, para Obra ser, o Amor; nele, firmado e em Obra visto, o plano de Deus; em // Obra; pela Sua justiça, em Amor tornada; pelo perdão, à Sua Obra dado; para em Misericórdia; o Amor ser visto»⁹². Não se trata, então, e como as precedentes palavras da nossa Autora patenteiam sobre a obliquidade ágil das frases por si compostas, de uma implicação arbitrária ou interessada. Trata-se, isso sim, da operacionalidade justa de serviço, humilde e desinteressado, à realidade mediante a dedicação à comunidade e ao bem comum da humanidade (cf., *v.g.*, *1Cor. 12,7*). Não se trata, sequer, de prolongar, ansiosa e obstinadamente (naquilo que, na nossa opinião, reduziria a trivialidades o extraordinariamente marcante), a mera justiça humana intramundana, que, tantas e tantas vezes, é uma máscara, horrivelmente distorcida (cf., *v.g.*, *Am. 5,10ss*), de uma justiça divina que, não menos vezes, foi facilmente imaginada com as tonalidades desta última. Trata-se, sim, de mostrar aquela justiça que se abre à retidão dita na bondade, na ternura, no serviço.

Se assim é, a ação da san(t)idade do amor, numa *com*-humildade posta ao serviço da justiça salvífica, surge nas relações humanas como um novo princípio derivado da própria lógica do amor do Deus-Amor. Leiam-se, a este propósito e com atenção, as próximas palavras de Sílvia Cardoso, que revelam, sem simplificações abrasivas, o que acabámos de aduzir: «a encarnação feita no Amor mais sublime pelo Amor no Amor! A Obra! O Senhor dos Céus e da terra todo nela contido em união de Amor com todos os amores para vida a todos ser dada pelo próprio Amor na sua Obra a viver em união de

⁹⁰ C5; D2.

⁹¹ C27; D10.

⁹² C10; D2.

Amor. A elevação dum Deus! Ele na sua Obra de Amor! A Sabedoria! Obra de Amor! A justiça de Deus!»⁹³. A humildade em obra da san(t)idade do amor não suprime, sem mais, a justiça terrestre visível. Ela pressupõe-na e condu-la, por aqueles corações em que a magnanimidade se revela a outra face da humildade (cf., *v.g.*, *Flp.* 2,3; *Tg.* 3,13), à sua plenitude no amor incarnatório (cf., *v.g.*, *Mt.* 5,17).

Deus, incarnando, e conforme já foi mencionado, inscreveu na História um novo princípio de plenitude: o amor que só ele é justo (cf., *v.g.*, *Jo.* 8,1-11). Assim, a justiça humana é cumprida na justiça que provém de Deus: o amor transformador. Apenas deste modo, em que a *forma Dei* é assumida como *forma hominis*, o ser humano se torna capaz de ver, na liturgia espiritual do dia a dia, o que de divino há no humano (cf., *v.g.*, *Gn.* 1,26s; *1Cor.* 6,19):

«Mortos, para o nosso, eu; n'Ele, transformados somos! Ele / A Alma da nossa alma! Todas, as almas chama! As fora da graça / Trazidas, pelas que na graça, vivem! Sois vós, Jesus / A imperar; na terra! Quando desceis, até nós, Cristo, somos; em Vós! Vosso verdadeiro corpo; sangue; alma e divindade! Divinizados, por Vós; permaneceis, em nós! Jesus, somos! A passar, na terra! Jesus; em nós! Nós; em Jesus! Jesus! O Amor; levado, às almas; pelo verdadeiro Amor! Sois vós, Senhor; o que em nós, habitaes!»⁹⁴.

Pois bem, se a humildade é, fundamentalmente, uma virtude e uma atitude que levam à consideração do que deve ser o ser humano ante Deus, ela leva a que o sujeito sirva aos demais também em consideração ao que há de Deus neles. Mas com uma ressalva fundamental: este serviço, em derradeira análise, não deve ser vivido como o preço a pagar por se viver bem diante de Deus e, indiretamente, pela salvação. Isso seria, em qualquer universo fractal que quiséssemos imaginar, instrumentalizar aos demais, que devem, pelo contrário, ser amados por eles mesmos sem qualquer prejuízo ou juízo (cf., *v.g.*, *Mt.* 7,1-6). Essa instrumentalização, que lamentavelmente ainda persiste na psique de muitos batizados, macula, na sua raiz, a veracidade de um amor que «não procura o próprio interesse» (*1Cor.* 13,5), antes leva a que o sujeito que serve possa desejar que, se tal fosse possível, Deus Se esquecesse de si, se isso, fruto do amor que ele tem aos demais, fosse benéfico para estes (cf., *v.g.*, *Rm.* 9,3).

O serviço ao irmão pela justiça do amor permite a participação, jamais limitável ou finalizável que fizesse acreditar que nada mais haveria a fazer, no mistério incarnatório da redenção, que passa pelo perecer e ser sepultado, quer

⁹³ *CT; D4.*

⁹⁴ *C8; D2.*

no homem, quer no Mundo. E isto, como caminho de nestes venerar, sem qualquer apetite egoísta ou competitivo, o *semper maior* de Deus no *semper fecisset maius* da imagem divina presente em cada criatura e, de modo especial, em cada ser humano. Em cada ser humano, sem dúvida alguma, mas sobretudo naqueles mais pequeninos a quem Aquele, num Jesus que «sentiu a dureza da vida pobre, que só avalia quem por ela passa»⁹⁵, deu o Seu próprio rosto (cf., *v.g.*, Mt. 25,34-46), por ser o próprio rosto de Deus-Amor, e com quem tanto a nossa Autora desejou configurar-Se: «Deus, é Amor! – Deus é a Caridade! / Semelhantes a Vós, seremos nós! Como menino, vos mostrais! Assim pequeninos, devemos ser! / Semelhantes a Vós, em todo o vosso proceder! Pequeninos sempre nada somos, perante vós, Senhor! Miséria extrema, que nem sentir tem!»⁹⁶. Exclamações que nos deveriam, no mínimo, envergonhar.

O amor louco do «Deus / Louco de Amor, pela sua obra»⁹⁷, expresso na Sua encarnação pascal tão patente na Obra do Amor da nossa Autora, embora seja tido como uma loucura por tantos, torna-se participável em todas as condições da existência humana, de modo a, na linha do já patenteado, se buscar e encontrar a Deus em todas as coisas. O viver a san(t)idade espiritual fora de geometrias esfriantes, não ocorre apenas por quem se vê confrontado com o martírio cruento, mas igualmente por quem é mártir na vida comum, nas tarefas e penas de cada dia que são vividas em chave de amor (cf., *v.g.*, Mt. 5,11; *IPd.* 4,14ss): «assim a minha alma, na maior paz a receber o martírio pelo Amor no Amor!»⁹⁸. Tarefas e penas estas que, irradiando o amor do Crucificado pelas, e nas, suas formas de compromisso, são, mais uma vez, tidas como desajuizadas, e até como legítimas fontes de ódio (cf., *v.g.*, Jo. 15,18), por todos aqueles que são, de uma ou de outra forma, insensatos por viverem, pelo menos, a partir de um coração empedernido. Um coração que, biblicamente falando e como bem recordou Abraham Heschel, é a raiz do pecado, enquanto sinónimo do contrário de uma liberdade dada por Deus (cf., *v.g.*, Jr. 5,23).

Escolher e aceitar, no quadro da vida comum, toda a indignância, injustiça, rejeição e impopularidade do senso generalizado por não se deixar ir na corrente da mundanidade, antes querer viver a promoção empática de quem vive involuntariamente aquelas realidades, é ir mais além do repertório dos seus próprios interesses: «[devemos ser] anjos consoladores seus, sem interesse nosso nem consolação, somente por Ele. Tudo por seu Amor! Para sua maior glória! No próprio abandono a maior resignação. Choremos os pecados

⁹⁵ C10; D1.

⁹⁶ C7; D4.

⁹⁷ C28; D1.

⁹⁸ C37; D7.

de nossos Irmãos como servos»⁹⁹. É, no seguimento de Cristo, preferir, para vivificar a vida de seus irmãos, a “imponderada” sabedoria de Deus (cf., *v.g.*, *ICor.* 3,19). Aquela que promove a urgência amorosa que, por operações proféticas, vai dissolvendo, no mar do amor, os nós de injustiça endêmica face aos pobres e pecadores, testemunhando o poder do amor do Espírito, que, pelo crente (cf., *v.g.*, *2Tm.* 1,7) que se afasta de todo o bestiário do amor-próprio, constrói, enfrentando inúmeras oposições, a civilização do amor em Cristo para a glória do Pai.

Para a missão que, no silêncio de tantos cristãos, tem uma Igreja, isto significa a vontade de viver empática e efetivamente com os mais necessitados a nível espiritual e material (cf., *v.g.*, *IJo.* 3,17s); significa, mesmo que pela geralmente insuficiente bondade humana, a vontade de proclamar Jesus como o evangelho de Deus especialmente para eles (cf., *v.g.*, *Lc.* 4,17-21). Somente a partir deste ponto fulcral é que será possível abordar outras dimensões de tal missão, tal como augurou o noivo de Sílvia Cardoso quando, nas palavras que esta mesma nos deixou, tão bem lhe disse: «talvez a sua missão seja outra na terra: Valer aos infelizes e aos que desalentados pelas injustiças dos homens, já nada esperam»¹⁰⁰. No caso vertente, felizmente que, para a Igreja e para a humanidade acompanhada por esta, não houve uma Cassandra neste episódio.

Quinto passo: “a Misericórdia pede misericórdia”

O que acabámos de ver com o pormenor adequado a um estudo desta natureza, pressupõe a capacidade do sujeito de compreender e amar a intrincada realidade social sem se transformar num outro elemento divisor da mesma (cf., *v.g.*, *ICor.* 1,10): «n'uma só união! – exclama Sílvia Cardoso, num apocalipse que recorta os contornos do seu coração nas nuvens dos seus sonhos, antes de continuar com palavras que repudiam todas as saudades ainda vindouras – A do Amor, que n'uma só Obra vive, na fonte viva do Amor, o Amor a jorrar para d'uma só nascente a água tornada ser e n'um só bocal ser dada e passada a todas as almas n'uma só Obra a viverem em união d'Amor os pobres com os ricos e os ricos com os pobres, pelo mesmo Amor presos por um mesmo Amor»¹⁰¹. Neste sentido e no fundo, a encarnação levada a cabo pela vivência da mística da ação não é mais do que uma faceta da vivência,

⁹⁹ C34; D6.

¹⁰⁰ C2; D25.

¹⁰¹ C19; D2.

profundamente orgânica e real, do «Corpo Místico visto, para em Obra viva, ser assente o Amor; assim como Deus o foi na sua Obra de Amor»¹⁰² (cf., *v.g.*, *1Cor.* 12,27), que nos mais pobres, pequenos e pecadores tem não só o Seu rosto, mas igualmente o Seu coração (cf., *v.g.*, *Mt.* 9,13; *Lc.* 18,16).

A pobreza, e por vezes a maior pobreza, está à nossa porta e nós não a podemos deixar de vislumbrar a não ser que, em conformidade com os sinais de uma época que substituiu o Cristianismo pelo nada das esperanças de mãos vazias, não a queiramos ver. E tal “maior pobreza” não é apenas material: é, sobretudo, a pobreza material vivida pelos pecadores que se veem desprovidos dos «direitos [que] teem; porque por elles, [Jesus] morreu; [e] tudo sofreu»¹⁰³. Os desprovidos de direitos, que apontam para a dostoiievskiana beleza salvífica (pois não sedutora e, assim, não desejosa de aprisionar), são o ícone por excelência do Servo paciente da tradição judaico-cristã. Aquele Servo que as primeiras gerações cristãs identificaram, e bem, porquanto assim superaram a tentação de separarem o Salvador daqueles a quem Ele salvou, com o Jesus Crucificado-Ressuscitado (cf., *v.g.*, *Is.* 53,1-12; *At.* 8,26-35).

De facto, se Deus está do lado dos verdadeiros pobres, viúvas, órfãos, estrangeiros (cf., *v.g.*, *Zc.* 7,10) e, em suma, de todo aquele que sofre pela falta de justiça, do lado de quem é que estará a Igreja? O que mantém, nos dias da nossa Autora como nos de hoje, a originalidade do Cristianismo é a inseparável relação entre Deus e os mais necessitados, através do Deus feito Homem por excelência no *ecce Homo* (cf. *Jo.* 19,5) das dores e pecados na Sua carne (cf., *v.g.*, *IPd.* 2,24). Aquela relação que Sílvia Cardoso, mais uma vez com mestria vedora de significados ocultos ao olhar destreinado, rememora ao dizer: «uma só Obra; num só Amor visto o Amor! Deus! Na pureza! A realza! Na humildade a Grandeza! Pela beleza de Deus vista na sua Obra de Amor! Pela Sua St^a Face, no *Ecce Homo* vista; para por ela, sermos Salvos!»¹⁰⁴. Do ponto de vista cristológico ou, na expressão cunhada por Dionísio Pseudo-Areopagita e já por nós usada, teândrico, a referência eclesial é o mundo dos pecadores e dos de todos os géneros de pobres que, com a Ressurreição, assume novas dimensões que necessitam de ser assumidas pelo Seu Corpo. Eis o esteio, na vida itinerante da nossa Autora, de, entre outras, obras como o “Hospital de Paços de Ferreira”, o “Asilo para Crianças” e as “Casas de Retiro”.

A Igreja, com efeito, e se quiser ser o útero da misericórdia da humanidade que faz resplandecer a primigénia Misericórdia divina, precisa de avançar ao ritmo dos mais excluídos e desprezados e enquanto não os inserir no seu seio,

¹⁰² C8; D2.

¹⁰³ C8; D2.

¹⁰⁴ C11; D6.

nunca poderá ser a Igreja de Jesus. Realizando tal inserção, não de modo resignado mas alegre, abraça-os, vive com eles e, numa antecipação escatológica, enxuga as suas lágrimas (cf., *v.g.*, *Ap.* 21,4), edificando uma alternativa, real e visível, para a comum indiferença egoísta e mundana. Uma alternativa pela qual aspirou Sílvia Cardoso, desejando para o seu presente aquele que fora o passado do Cristianismo em que, segundo a mesma, havia uma «fraternidade não de palavras mas de Obras. As grandes conquistas foram através dos escravos ficando com todos os direitos unindo-os mais aos patrões // patrões viviam como irmãos no próprio palácio dos imperadores»¹⁰⁵. Eis uma aspiração que, levada à prática num abraço que embeleza o belo que há nas palavras da nossa Autora que passaremos a transcrever, pode mostrar que um novo Mundo, enraizado num Cristo que é o Reino em pessoa (cf., *v.g.*, *Lc.* 17,20s), é possível. E possível, não só de existir, mas de ser amorosamente transformado, a partir de uma matriz humana incoativamente divinizada que acolhe o Reino como um dom, neste mesmíssimo Reino (cf., *v.g.*, *Lc.* 22,29; *Rm.* 14,17):

«N'Ele; por Ele e n'Ele, o seu Reino estabelecido todo em Amor, pelo Amor no Amor / Deus, n'ele a reinar; a imperar para por Ele o Amor a todos ser dado em união d'Amor para na união uma só glória haver pelo Reino de Deus no do seu Amor para n'ele um só Amor em Obra ser visto, pelo Amor tornado Obra e a Obra tornada Amor / Deus o Amor»¹⁰⁶.

A nova comunhão com Deus que, em Igreja e pela Igreja, emerge deste destino, e progride através da história num caudal capilar a emergir sempre que necessário, nunca pode perder de vista o desejo de ser, nos seus membros, a matriz em que o milagre da diminuição dos padecimentos injustos pode ocorrer: «Caridade do Senhor para conosco! A Mesma dos Servos que em tudo O devem imitar. // Acolhei a todos com bondade, procurando mitigar as dores»¹⁰⁷. E ocorrer, não em abstrato, mas tendo em vista aqueles que, juntamente com todo «o Cristão [que] é um Crucificado [pois] faz parte do Corpo místico»¹⁰⁸, se veem, contínua e involuntariamente, *com*-crucificados na Cruz pelo ódio e a incompreensão que, como já se apontou anteriormente, face a eles se erguem de um Mundo mundanizado que se defende agressivamente (cf., *v.g.*, *Prov.* 29,27; *Mt.* 24,9). Um Mundo para o qual Sílvia Cardoso, em união com Jesus Cristo que na próxima citação nos surge como que a falar àquela,

¹⁰⁵ C15; D1.

¹⁰⁶ C11; D4.

¹⁰⁷ C10; D1.

¹⁰⁸ C15; D1.

erguia as suas mãos, de *avis rara* mas jamais apresada, em serviço de transformação: «com os pequeninos Me quero; os simples de coração; os pobres de espírito; e os que desamparados de todos estão»¹⁰⁹.

Não é possível, neste momento, ignorar a mensagem do *Magnificat* (cf. *Lc.* 1,46-56) que a nossa Autora traduz a seu modo nas seguintes frases:

«Minha alma, exalta o Senhor teu Deus, que obra tantas maravilhas! / Grandes segredos revelou! / Na baixesa do meu amor maravilhas incomparáveis nos são mostradas. / As suas misericórdias nos foram dadas e a grandeza do seu poder manifestado. / Abatendo os poderosos, eleva os humildes. Aos que de tudo se desprenderam, ao vosso amor trazeis, mostram- // do-lhes a vossa grandeza e a misericórdia do vosso Coração, de Pae, esposo e irmão, Amigo e Senhor! / Bendito, bendito sejaes, meu Deus, para sempre!»¹¹⁰.

Tal texto bíblico, na sua intrincada elaboração teológica com porções de textos do Antigo Testamento e como mantém Sílvia Cardoso, é, sabemos-lo bem, todo orientado a Deus. Contudo e dito isto, é frequente esquecer-se que, por sua vez e numa circunstância que o Papa Francisco tem tentado alterar ao longo do seu Pontificado, este Deus, descrito magnificamente no *Magnificat*, está totalmente orientado para seres humanos. Claro que Deus-Amor não faz aceção de pessoas a respeito do seu amor (cf., *v.g., At.* 10,34), mas este mesmo amor, pela sua própria natureza que corre a tentar colmatar o *horror vacui* espiritual, chega mais intensamente àqueles que mais necessitam do mesmo. A saber e como se tem vindo a ver: os pecadores, os pobres, os infelizes, os doentes e, enfim, os oprimidos por todos aqueles cujo endurecimento de coração, que não poucas vezes implode numa conflagração de orgulho destilado, silencia as suas próprias consciências ante o rosto e os apelos daqueles outros (cf., *v.g., Gn.* 42,21): «a grandeza em misericórdia se torna, para valer aos homens, que perdidos vão; Por caminhos errados, em precipícios vários, em que afundados ficam, pelo pecado»¹¹¹.

Se assim é, nada, nem de uma leitura falsamente mística que adoce esta oração na linha de uma abstração absoluta de todas as dimensões terrenas (cf., *v.g., IJo.* 4,2s), nem de uma interpretação militantemente revolucionária em que Deus seja usado para justificar a injustiça (cf., *v.g., Is.* 56,7). Só uma ponderação teológico-social, na linha da intentada por Alberto Magno, faz justiça ao

¹⁰⁹ *C28; D2.*

¹¹⁰ *C5; D5.*

¹¹¹ *C7; D3.*

Magnificat. Esta, longe de raias move-diças e oscilantes, leva a que se veja Deus a efetivamente derrubar dos seus tronos aqueles que, gloriando-se soberbamente do seu poder (cf., *v.g.*, *Mq.* 7,3) em antítese à humildade que é divinizável, não exercem a justiça salvífica face aos Seus prediletos (cf., *v.g.*, *Is.* 10,1): «tudo movo e removo! N'um abrir e fechar d'olhos; levanto o pó, o que poeira é e que até mim, sobe! Novo esplendor dou, ao que se humilhou e até mim, se elevou! Derrubo os tronos e abato os poderosos orgulhosos! Vasios, deixo os soberbos! Despidos, de tudo; os luxuriosos e aniquilados, ficam; derrubando, os que contra mim, se levantam»¹¹². Por outras palavras: aqueles que, até porventura valorizando o desprendimento interior mas ignorando voluntariamente o desprendimento efetivo, não compartilham, senão calculando benefícios disso mesmo para si, os bens com os mais necessitados (cf., *v.g.*, *IJo.* 3,17s).

Esta mensagem ainda é comumente assustadora para, e facilmente rejeitada por, muitos crentes, especialmente devido ao facto de vivermos numa sociedade contemporânea onde, fruto da já mencionada interpenetração entre o egoísmo e o mundano, os principais critérios são: a eficácia cínica; o poder despótico; e a acumulação de proveitos e bens materiais. Perante estes critérios, quem é que, ao contrário do jovem do Evangelho que «não seguiu»¹¹³ a Jesus (cf., *v.g.*, *Mt.* 19,16-22), tem a força do amor no seu coração para não querer ser rico? Para não querer amealhar vãos tesouros terrenos que, como bem recordou Roberto Tucci, desaguarão inevitavelmente em ecos lamentosos? Apenas aqueles que seguem, de um modo efetivo e consistente, a um Jesus que pregou, com a Sua vida e uma Sua palavra que afasta irrevogavelmente todos os bardos da facilidade, que os bens e a autoridade não são valores reais a não ser que sejam usados, porventura até à sua já apontada perda, para a promoção dos mais destituídos (cf., *v.g.*, *Lc.* 16,19-26).

Pode-se ver nas palavras antes escritas uma das principais razões para Sílvia Cardoso ter dito, com um enorme vigor que coíbe todo o recolhimento hermenêutico, que «jamais alguém entra no Céu, com o coração preso aos bens da terra. Não é neles que está a felicidade, mas sim na Paz, que Cristo nos veio trazer e a que nos dá pelo desprezo dos bens Materiais. Quiz mostrar-nos praticamente a sua predilecção pel[a] pobreza»¹¹⁴. Palavras que, como vemos, não são pensadas para tremeluzirem, mas vividas para queimarem: a existência de quem as escreveu não foi, jamais, fútil, por mais que a fecundidade da mesma possa ser invisível a quem vive das grandes ostentações. Mesmo estes podem permanecer surdos às suas palavras, mas

¹¹² C9; D4.

¹¹³ C10; D1.

¹¹⁴ C10; D1.

não podem permanecer calejados a respeito da sua existência: «envio-te a eles, e deves dizer-lhes: 'Assim fala o Senhor Deus', [e] quer te escutem, quer não, porque são uma raça de gente rebelde, saberão que há um profeta entre eles» (*Ez. 2,4s*).

O sujeito da mística da ação é, claramente, o místico que mais precisa de estar desapegado, conforme a nossa Autora coloca Jesus a dizer-lhe com um encadeamento rítmico-poético que comove: «o desprendimento, o desapego de tudo; a emolação completa; a renúncia; o abandono total; a morte a vós mesmos; à vossa vontade, sempre soberana; em tudo, a querer dominar; no coração; na imaginação e em todo o vosso ser»¹¹⁵. Vivendo no mundano (cf., *v.g., Jo. 17,15s*), que vive em simbiose com o egoísmo, ele carece de estar plenamente desprendido: de si mesmo; de si mesmo nas criaturas; e, para que Deus possa ser plenamente Deus no seu coração, inclusive das imagens que tenha d'Este mesmo para com Ele viver a gratuidade da novidade. Se, para quem está no início da sua vida espiritual, o desapego é inerente a uma dinâmica de conversão (cf., *v.g., Mt. 3,2*), em que se tem de fazer a experiência da falta para se abrir à graça (cf., *v.g., 2Cor. 12,9s*), já na esfera mística é inerente a, vivendo-se a «simplicidade em tudo»¹¹⁶, ser um puro reflexo de Deus infinitamente simples. Isto é, sem qualquer retorno sobre Si, antes plena Vontade (Amor) de, suportando as eventuais consequências disso, almejar realizar o querer do outro (cf., *v.g., Jo. 6,38*). Já nos demos conta disto?

Se o amor assimila o amante ao objeto amado, e se Deus é infinita pobreza – ou absoluta riqueza no Amor (cf., *v.g., 2Cor. 8,9*) tal como refere a nossa Autora quando fala do «Amor sem pobreza»¹¹⁷ –, o desapego, tão espiritual quão material pois também aqui o docetismo é um perigo particularmente nocivo, não é senão outro termo para o amor que, como já se verificou, diviniza ou, sendo Deus Amor, amoriza em Cristo Jesus (cf., *v.g., 1Jo. 3,2*): «a Obra divina, ao Amor humano unida; por uma só Obra, em Obra; vós, meu Deus / O Amor / A divinizar a vossa Obra, pelo Amor, visto, n'ela»¹¹⁸. Aquele amor que, longe de todas as propostas espirituais que nem as mais avançadas criptologias permitem decifrar um valor além da vaidade dos seus proponentes, não instrumentaliza a ninguém. Nem, como já foi atestado, aos demais, a quem se deseja dignificar e servir sem deles se fazer um qualquer trampolim para a própria salvação, nem ao próprio Deus, a Quem se deseja servir e glorificar sem d'Ele se fazer um mero pagador de recompensas.

¹¹⁵ CT; D3.

¹¹⁶ CT; D3.

¹¹⁷ C13; D11.

¹¹⁸ C25; D22.

Nesta fase, a noite já não é meramente purificativa; ela é, na celebração do mais puro “eu” e como não se cansou de dizer Mechthild de Magdeburg, sobretudo uma celebração da «união de amor num só amor»¹¹⁹ com o fundo sem fundo da luz fluente de Deus-Amor (cf., *v.g.*, *lJo.* 1,5; *Hab.* 3,4): «um só fluido d’Amor, o Amor ser visto, em agua pura d’Amor; pelo Amor, cristalino e puro; belo como o Amor, o é; visto, // na Fonte perene sempre a deitar, sem nunca se esvasiar»¹²⁰. Quão mais escura a noite desse abismo, mais brilhante será a luz que o desejará iluminar (cf., *v.g.*, *Is.* 9,1). A noite, o aparente fracasso imediato do amor que se revela profundamente fecundo através desse mesmíssimo fracasso, é das mais densas participações no aparente fracasso de um Jesus na Cruz. Aparente, sem dúvida, pois é nesta que, como pudemos ver e começando já na Sua paixão, a Sua eterna glória mais resplandeceu (cf., *v.g.*, *Jo.* 13,31s). Todavia, se resplandeceu, é porque, na mesma, o Seu desapego, que foi inclusive um desapego do desapego (como deve ser o do místico da ação), foi deliberadamente supremo (cf., *v.g.*, *Mt.* 27,46) e, assim, e paradoxalmente, Deus mais pôde transparecer, tal como a nossa Autora diz ter aspirado que acontecesse igualmente em si: «faça-se a vossa Obra; em mim / Senhor / Faça-se; pelo vosso Amor; no meu; a viver; em Amor; a união / A Salvação pela união do Amor, visto, n’ela; em pureza; pela Obra, mais linda, // a transparecer na sua Obra / O Amor»¹²¹.

O que acabou de ser referido pode surpreender, mas não há lugar para quaisquer dúvidas, não menos porque isto, que será espantosamente declarado na Cruz, já é claramente patente no próprio Antigo Testamento. Neste, ao Messias prometido é progressivamente retirado o poder beligerante do *munus regium* até este só possuir o poder do amor do *munus propheticum*. Aquele que, como qualquer místico da ação, realiza a paz, não pela força, mas por ser um Pastor (cf., *v.g.*, *Jo.* 10,11), humilde e manso (cf., *v.g.*, *Zc.* 9,9; *Mt.* 11,29; 21,7), que, depois e sempre por amor, chegar a ser um Pobre abandonado na Cruz entre dois comuns pecadores e malfeitores (cf., *v.g.*, *Mt.* 27,38). Eis-nos ante «o último de todos, abandonado e esquecido como o filho do Carpinteiro, assim era tratado. E tudo por Amor dos homens. Jesus por eles tudo sofreu; as maiores torturas suportou para os salvar, tal era o Amor que lhes tinha»¹²². O místico da ação, como que perfurado pela lança de um Longino, que, trespassando o coração do Senhor, chegou a todos aqueles que a Si estão unidos, é agudamente consciente deste facto e deseja inserir todo o seu ser e agir na

¹¹⁹ C7; D4.

¹²⁰ C19; D3.

¹²¹ C19; D3.

¹²² C10; D1.

linha do ajudar a Este na Sua tarefa messiânico-salvífica: «servos somos do Senhor [que] Servo dos servos se fez por nosso amor!»¹²³. Se palavras pudessem ser usadas para terminar este ensaio, seriam estas, contudo uma breve conclusão pode ser útil.

Conclusão

É difícil não qualificar a mística da ação, na linha de uma Obra de Amor do Amor em Obra, que acabámos de descrever como pouco moderada. Mas se a *mesotes* – o estado virtuoso entre dois meios (geralmente a *megalopsykía* e a *tapeínosis*) – era um valor tão estimado por Aristóteles, a hermenêutica adequada para uma vida cristã orientada a um amor que, para ser veraz, não pode ser senão um comparativo a tender para o superlativo, não se pode resignar a essa realidade. Não se trata de desconsiderar as distintas desmesuras de Sílvia Cardoso, nem de se propor as mesmas a todos como modelos de imitação extrínseca, mas de convidar a ver-se nas mesmas uma san(t)idade característica de todos aqueles que, fruto de ardente contacto com o fogo devorador do amor de Deus, viveram de tal modo desapropriados do seu “ego”, que a sua vida roça continuamente o ilógico segundo o mundano.

A sua descida incarnatória sem retorno ao mundo dos mais carentes de amor configurou uma pessoa que agregou em si, de um modo integradíssimo do ponto de vista afetivo, as diferentes dimensões de precursora espiritual, lutadora pela justiça e reformadora eclesial. Tudo isto levou-a a tornar-se capaz de, por uma intuição extraordinária e vivendo a fragilidade e a vulnerabilidade do amor que revive o dito por Zacarias acerca da «palavra de YHWH [não surgir] [...] “nem pelo poder, nem pela força, mas pelo [S]eu Espírito”» (Zc. 4,6), descobrir a Jesus Cristo no meio de situações dolorosas. Situações em que tal desamor, numa apreciação superficial, menos potenciaria tal descoberta. Talvez sem o saber, nem o querer fazer, explicitamente, o seu atento reparo à presença de Deus na natureza e no sofrimento humano permitiu-lhe encarar de uma forma positiva os dilemas espirituais da sua época e, assim, abrir a possibilidade a novas abordagens culturais para a religião.

Sintetizando no seu corpo relacional, feito um com aqueles a quem servia numa tensão de reconciliação entre a ferida realidade presente e a só gozosa vindoura, amor e justiça, fé e apostolado, esperança e promoção humana, reuniu ao seu redor, mas sem os satelitizar, varões e mulheres a quem desejava inflamar pelo amor que converte, motiva e realiza. Fê-lo, não sendo nem

¹²³ C36; D11.

teóloga nem uma grande intelectual, assumindo, criativamente e na sua mística social de transformação amorosa, as noções e modos de existência que lhe eram, face à sua vocação pessoal, acessíveis na sua época.

Contra vendavais e marés, Sílvia Cardoso foi à aventura do amor sem se preocupar com nada mais senão que o Amor a habitasse, confiando-se aos “escudos” do espírito: as obras de misericórdia corporais e espirituais e, sobretudo, a oração e a devoção eucarística. Por um lado, aquelas obras possibilitaram-lhe entregar-se, por uma espécie de ascese focada não no seu bem mas no dos demais, a uma ação objetiva e imediata que transformasse uma sociedade que, roubando a vida, a liberdade e a dignidade dos mais desfavorecidos e pecadores, suscitava desamor sobre desamor. Por outro, a oração e a devoção eucarística ao seu Amado permitiram-lhe abrigar e conservar um elevado sentido da extensão sacramental de uma realidade que, embora ulcerada pelo desamor, ainda consegue, sobretudo no ser humano, ser transparência de Deus em convergência operativa para Este: «a natureza geme e o espírito eleva-se, para em Deus ser tornada a Obra por Ele feita! Todos os amores reunidos, a um só Amor; pelo coração de Deus!»¹²⁴.

Neste sentido, deve referir-se que é certamente fundamental para a sua mística a noção, desenvolvida por distintos místicos do século XVII e de inícios do século XVIII, de “sacramento do momento presente”. Tal noção consiste na prática da presença de Deus em cada momento, proclamando a humilde vitória do amor *teândro*-transcendente sobre o egoísmo, de modo a se honrar a presença de Deus em tudo, independentemente dos tempos, lugares ou pessoas. Assim, lograva olhar para além das massas e dos resultados imediatos e encarar, por um lado, a individualidade concreta e irrepitível de cada um e, por outro lado, aceitar, com uma paz crucificada, todos os fracassos que o mundano vota a quem não se conforma com ele. Por tudo isto, Sílvia Cardoso merece ser recordada, conhecida, amada em Cristo. Por tudo isto, cremos que nem mesmo a mediocridade pessoal, de quem está prestes a dar por terminado este breve ensaio, foi um impedimento a que se tentasse dizer algo, certamente introdutório e genérico, sobre a vivência mística da mesma.

¹²⁴ CT; D3.